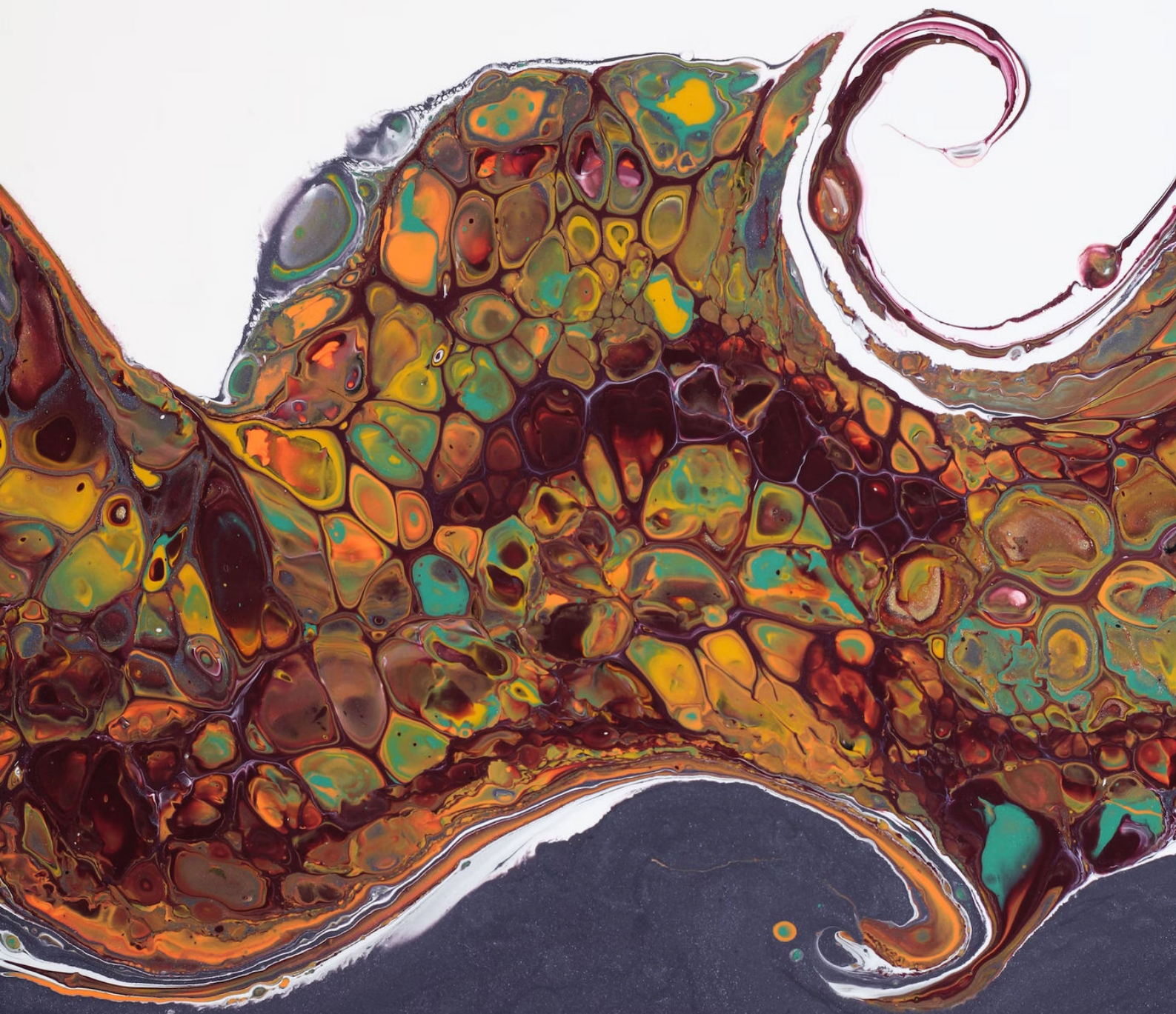


2º Concurso Literário Emídio de Souza

Contos • Crônicas • Poesias



Reminiscências
da Pandemia

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

Av. Condessa de Vimieiros, 1.131 - Centro - Itanhaém - SP

Telefone (13) 3421-1700

Secretária: Márcia Galdino Alves

Organização

Departamento de Cultura de Itanhaém / Biblioteca Municipal Poeta Paulo Bomfim

Secretário Adjunto da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes: Tony Sheen

Revisão

Valdenir R. Campos

Projeto Gráfico

Diego Humpel de Lima

R325

Reminiscências da pandemia: contos, crônicas e poesias /
organizado por Maraléia Menezes de Lima. — Itanhaém, SP:
Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, 2023.

Recurso eletrônico (67 p.)

Publicação digital (e-book) no formato PDF.

1. Coletânea - Contos, crônicas e poesias. 2. Concurso literário. 3.
Literatura brasileira. I. Lima, Maraléia Menezes de (org.). II. Título.

CDD B869.8

APRESENTAÇÃO

Este e-book é a culminância de um projeto cujo objetivo foi o de estimular a produção de textos literários e dar-lhes a maior visibilidade possível, por conseguinte também aos seus criadores, oferecendo-os à apreciação que sem dúvida merecem.

“Reminiscências da Pandemia” foi o tema do concurso literário que deu ensejo à produção desta obra. A coletânea aqui apresentada representa o melhor entre as 151 criações recebidas para a 2ª edição do Concurso Literário Emídio de Souza, uma participação expressiva em se tratando de um projeto cuja trajetória é ainda recente. Cabe ressaltar que a relevância da participação não se restringe à quantidade de textos, ao contrário: a maior parte do conteúdo era de muito boa qualidade, primando por uma estética literária que surpreendeu os membros julgadores e tornou seu trabalho de seleção um tanto difícil, embora este seja o tipo de dificuldade que acaba resultando em prazer.

O tema desta edição foi especialmente escolhido por se tratar de assunto relevante até os dias que correm, com repercussões que ficarão marcadas de maneira indelével no começo deste século e na alma de todos nós, afetados de inúmeras maneiras por um mal que transcendeu em muito os limites físicos.

A comissão julgadora do 2º Concurso Literário Emídio de Souza foi composta por Elizabeth Cury Bechir Watanabe (Presidente da Academia Itanhaense de Letras), Joana Merlin Scholtes (membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Itanhaém) e Valdenir Ramos Campos, representando o Departamento de Cultura.

Desejamos que todos os leitores possam usufruir do mesmo prazer que tivemos ao compilar esta coletânea.

Itanhaém, janeiro de 2024

Sumário

Contos

O prisioneiro mais velho	5
Só umas comprinhas	14
A súbita ditadura das pequenas coisas	17
O vento que permeia a esperança	22
Quem é você na fila do pão?	26

Crônicas

A mulher e o mundo	31
Pandemia: lembranças e lições	33
A pedra e a humanidade	35
Memórias da pandemia: perdas, superações e solidariedade	40
O sapato	42

Poesias

Minhas visões da pandemia	45
Tecendo o amanhã: lições da pandemia	49
Versos isolados	52
Renovação nas lembranças da pandemia	53
O pó das certezas	56

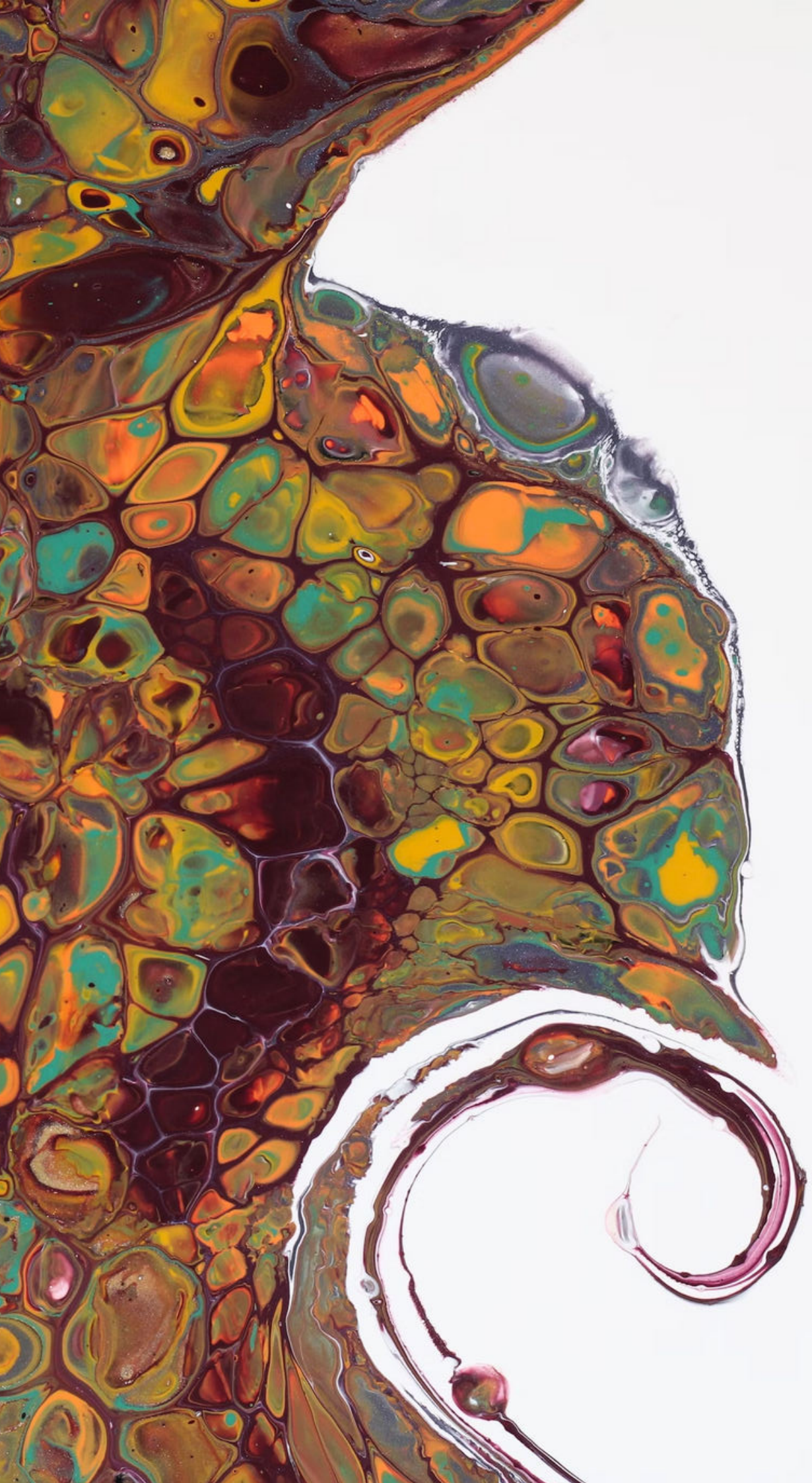
Crônicas — Categoria estudantil

Vida na pandemia COVID-19	58
Uma pandemia que ninguém esperava	60
O dia que eu quase morri	61

Poesias — Categoria estudantil

Tentando não encarar a verdade	63
Não houve tempo para despedidas	65
O que não volta mais	66
Pandemia	67

**c
o
n
t
o
s**



O PRISIONEIRO MAIS VELHO

David Ehrlich

Paulo acordou com a porta da cela sendo aberta. Ocorrência estranha: qualquer comunicação com ele era geralmente feita através de um tubo de desinfecção, por onde passavam-lhe comida em embalagens descartáveis rigorosamente seladas.

Abriu os olhos. Dois guardas em trajes contra riscos biológicos adentraram a cela. Traziam um cabo de um metro e meio com uma coleira e uma máscara facial na ponta.

— É preciso mesmo isso para um velho como eu? – Paulo perguntou, sentando-se.

— Desculpe, Paulo, regulamentos sanitários. – Um dos guardas respondeu.

— Deixem-me ao menos então colocar eu mesmo esse negócio, ao invés de vocês me enlaçarem como um animal.

— Como quiser. – O outro respondeu. Sabia que não havia necessidade para truculências com aquele pobre condenado: mesmo que tentasse fugir, o mundo fora da prisão provavelmente o mataria antes que o pudessem trazer de volta.

De coleira no pescoço e máscara no rosto, Paulo acompanhou os dois guardas. Andavam sem muita agitação: o cabo, afinal, era menos para conter o prisioneiro idoso, e mais para evitar que este chegasse perto demais e quebrasse as regras de distanciamento.

Enfim viu-se adentrando uma sala, onde quatro figuras igualmente em trajes anti-risco, embora de outra cor, o aguardavam sentadas. Ao lado delas, havia uma estranha cadeira, com vários fios saindo dela e ligando-a a telas de computadores, e uma geringonça parecida com um capacete que se encaixava na cabeça de quem lá sentasse.

— Bom dia, Paulo. – Uma das figuras disse — Sabe quem somos?

— Sim, senhor. – Respondeu, reconhecendo as cores dos trajes — Vocês são do painel de médicos da prisão.

— Isso. – Outra figura respondeu — E sabe por que está aqui?

— Tem a ver com o meu comportamento, senhor?

— Desta vez não, Paulo. Você tem um histórico de violência e comportamento antissocial, sim, mas seus registros mostram que está controlado há alguns anos. – O médico apontou então para a cadeira — Te contaram o que é aquilo?

— Nunca me contam nada, senhor.

— É uma cadeira recordadora. – Disse uma terceira figura, em voz feminina – Um dos mais novos e importantes avanços na tecnologia. Possibilita que vejamos as suas memórias conforme você as recorda. – A figura suspirou — Paulo, há anos o mundo está devastado por doenças. O tempo todo é um novo super-vírus que se desenvolve, e não temos como dar conta de tantas vacinas em tão pouco tempo. O único jeito de superarmos isso é analisando o que possibilitou a última vitória da humanidade contra as doenças, na pandemia de 2020. Infelizmente, a maioria dos idosos que vivenciaram aquela época já morreu, então temos que usar quaisquer memórias disponíveis. Você é o nosso prisioneiro mais velho, Paulo. Você pode ter as memórias mais claras daquela pandemia. E em compensação pela sua colaboração, receberá uma redução de sentença. Aceita o acordo?

— Sim, senhora, mas... Admito que não acho que minhas reminiscências da pandemia sejam de muita utilidade para vocês...

— Isso caberá a nós julgar.

— Sente-se. – A quarta figura disse. Paulo obedeceu, e com um controle remoto o médico fez o capacete encaixar-se na sua cabeça. As telas acenderam-se.

— Agora, - A figura continuou — Apenas relaxe e se lembre daquela época. Tente pensar cronologicamente, para as memórias ficarem mais compreensíveis para análise.

Paulo fez o que ordenavam. Tentou se lembrar do começo da pandemia. Aquelas primeiras semanas em que o coronavírus ainda parecia tão misterioso, tão ameaçador. Ninguém sabia quanto tempo sobrevivia em superfícies sólidas, qual o distanciamento adequado, sequer se sabia sua origem, se veio de uma sopa de morcego ou, segundo conspiracionistas, foi criado artificialmente em algum laboratório. Tudo que se sabia – e, mesmo assim, havia quem negasse – era que causava uma doença com risco de morte considerável, e que até aquele momento não tinha qualquer cura comprovada.

Paulo tentava se focar, mas as primeiras semanas em que a pandemia se espalhou para o país eram-lhe confusas demais. Lembrava-se de que recomendaram-

lhe trabalhar de casa, mas como fazer isso?! Era repórter de um programa policial na televisão, precisava sair para a rua e mostrar as notícias em primeira mão!

Assim, de máscara, luva e álcool em gel no bolso, saía atrás de qualquer história interessante junto com Manuela.

Manuela... Há quanto tempo não pensava nela! Aquele rosto angelical, aquele sorriso inocente, o olhar ambicioso... Não. Não queria se lembrar dela. Foram longos anos de esforço para esquecê-la... Mas algo o impedia de focar-se em qualquer outra coisa.

— Não resista, Paulo. - Um dos médicos disse — Sabemos que podem haver memórias dolorosas desse período, mas precisamos de qualquer informação possível. Relembre aquela época, e tente não pular eventos só por serem desagradáveis.

Não tinha então opção além de lembrar-se de Manuela, a jovem, mas talentosíssima cinegrafista contratada ainda na faculdade para acompanhá-lo. Tinha só 19 anos, mas não se abalava com a rotina intensa e cenas gráficas que o trabalho envolvia. Ainda assim, às vezes acontecia de os dois nada terem para fazer, enquanto esperavam alguma história interessante na porta da delegacia, e então conversavam. Paulo era 13 anos mais velho que Manuela, mas sentia-se moço ao seu lado, as energias renovadas. E não demorou para, paralelamente ao trabalho, iniciarem um namoro. Então...

— Por favor, Paulo, sem tentar evitar as memórias. Não quero repetir novamente.

Não havia jeito... Fazia um mês que o número de casos na cidade só crescia. Ainda havia questionamentos quanto à necessidade de um *lockdown*, principalmente por parte do comércio local, mas cada vez mais não se via outra opção para controlar a doença.

Paulo e Manuela encontravam-se no metrô. Era noite, e praticamente não havia outros passageiros. Por isso, ouviram bem tiros sendo disparados em outro vagão.

— Rápido, ligue a câmera! – Paulo disse a Manuela, que já fazia exatamente isso.

Assim que o metrô parou na estação e as portas se abriram, os dois pularam para fora, para filmar o que quer que estivesse acontecendo. Dois homens armados

de revólveres saíam correndo pela plataforma, disparando contra outros dois igualmente armados, que tentavam persegui-los enquanto desviavam dos tiros.

— Parados, polícia! – Os dois perseguidores gritavam.

— Está filmando tudo isso?! – Paulo disse a Manuela. Claramente era alguma operação especial à paisana que deu errado. Adorava aquilo: a perseguição, o perigo, o sangue fervendo... E Manuela adorava também. Tinham suas noites mais selvagens quando voltavam para casa após filmarem uma reportagem como aquela.

Os dois suspeitos continuaram fugindo até saírem da estação. Atrás deles vinham os dois policiais, e atrás desses, tentando acompanhar o ritmo apesar dos pesados equipamentos, corriam Paulo e Manuela. Estavam em um bairro isolado da cidade, e a saída da estação dava de cara para um shopping, já com as lojas fechadas e escuro. Um único funcionário encontrava-se ainda na entrada, prestes a fechá-la.

Os suspeitos então retomaram os disparos, atirando contra os policiais. O funcionário do shopping, assustado, saiu correndo, deixando a entrada semiaberta.

De repente, um dos policiais foi atingido e caiu. Aquilo deu confiança aos suspeitos, que pararam de correr e intensificaram os disparos. O policial que ainda se encontrava de pé ergueu seu parceiro e, não vendo outra opção, entrou no shopping escuro: precisava encontrar refúgio. Paulo e Manuela não hesitaram em ir atrás deles, filmando toda a ação. Os suspeitos também entraram.

Os dois policiais enfim encontraram um canto que parecia seguro para se esconderem, atrás de uma sorveteria. Quando viram as luzes da câmera de Manuela, porém, sacaram suas armas e as apontaram na direção dela, prontos para atirar.

— Somos repórteres, somos repórteres! – Paulo exclamou.

— Desliga essa desgraça, ou atiro! – Um dos policiais disse, no que Paulo se lembrava de ser o sussurro mais gritado que já ouviu.

Fez um aceno a Manuela, e ela relutantemente desligou a câmera. Tinham que admitir que mantê-la ligada revelaria o local onde se escondiam, e não havia garantia de que os suspeitos matariam apenas os policiais caso os encontrassem.

Por longos minutos, ouviram os dois homens correndo de um lado a outro, à procura deles. Estava, porém, escuro demais, e aquele canto era bem discreto. Eventualmente, ouviram os suspeitos afastando-se e, aparentemente, saindo do shopping, mas ainda assim permaneceram escondidos: poderiam voltar a qualquer momento. E de fato, pouco depois ouviram batidas estranhas vindas da entrada do

shopping, e não ousaram emitir qualquer som até passados longos minutos de absoluto silêncio.

— Acho que foram embora. – O policial que não foi baleado disse, agora sem sussurrar, mas furioso — Pô, vocês, repórteres, têm algo na cabeça?!

— Vimos uma história, e precisávamos acompanhá-la. – Respondeu Paulo, de microfone na mão enquanto Manuela ligava de volta a câmera — Quem eram eles?

— Se eu não responderia isso antes, agora que não respondo mais! Deixa-me ver se a barra está limpa mesmo para chamar uma ambulância pro meu parceiro!

Andou a passos largos até a entrada. Ela, porém, não estava mais semiaberta. Estava fechada, e algo tapava qualquer luz de fora. O policial tentou forçar a entrada, chutá-la, jogar-se contra ela, mas nada funcionava. Soltou uma torrente de palavrões.

— O que está acontecendo?! – Gritou — Barricaram a entrada pra nos prender aqui?!

Foi Manuela que, com a cabeça mais fria, percebeu o que acontecia.

— Oh, não. – Exclamou — O lockdown!

Diante daquela palavra, o policial parou, e Paulo também se voltou à cinegrafista.

— Será que decretaram assim, agora? – Perguntou, mais a si mesmo do que a ela.

— E se fizeram isso, certamente haveria ordens para isolar todos os shoppings... – Manuela continuou, aflita e começando a ofegar.

— Calma, é só ligarmos para a emergência que nos tiram daqui. – Paulo tirou o celular do bolso, mas arregalou os olhos ao ver que este estava com apenas 2% de bateria e prestes a desligar — Manuela, ligue no seu.

A cinegrafista enfiou a mão do bolso... Apenas para tirá-la, vazia. Tateou cada parte do próprio corpo, e nisso começou a chorar, em pânico.

— A-acho que deixei cair enquanto corríamos... – Disse, soluçando.

— Eu não estou com meu celular, - O policial de repente disse — Mas o meu parceiro está. Deixa-me pegar lá com ele...

— Não adianta. – Ouviram uma voz de repente dizer, e gritaram assustados. O policial sacou inclusive sua arma novamente, mas viu que quem falou foi seu parceiro.

— Você não devia estar de pé, cara, foi atingido! – Gritou.

— Não fui. – O parceiro respondeu, e tirou do bolso um celular com um grande buraco bem no meio — Isso aqui que foi...

Agora que relembrava o passado, Paulo percebia o quanto a percepção de estar trancado em um shopping deixou-o em choque. Não apenas as horas, mas os dias seguintes eram-lhe como um borrão. Quando suas memórias voltavam a ter certa nitidez, já havia estabelecido uma rotina com os outros “prisioneiros”. Sabia também os nomes dos policiais: o que tentara arrombar a entrada se chamava Fernando, e o outro, Cristóvão. Se em algum momento perguntou sobre sua missão, porém, não conseguia se lembrar.

Por mais ou menos uma semana, todos desfrutaram de um estilo de vida hedonista no shopping, aproveitando as diversas mercadorias à disposição no local. Comida não era problema: as dispensas da praça de alimentação abundavam em alimentos processados que não estragariam tão rápido. Quanto a lugar para dormir, Paulo e Manuela instalaram-se numa loja de colchões, e Fernando pegou um deles para dormir numa loja de roupas. Cristóvão, por sua vez, escolheu morar no cinema: um sonho de infância, segundo ele.

O estado em que Paulo passou esses primeiros dias só passou quando Fernando começou a sentir falta de ar. Foi então que todos perceberam que não estavam sozinhos no shopping: havia algo em meio a eles, algo microscópico, invisível e muito assustador.

Não havia como saírem. Tentaram de tudo, mas nada conseguia arrombar a entrada, feita justamente para resistir a isso, e a loja de celulares infelizmente trancou seus produtos em um cofre antes de fechar, então não havia qualquer forma de comunicação com o mundo exterior. E enquanto isso, Fernando piorava. Até conseguiram achar alguns produtos úteis na farmácia, mas eles só prolongavam seu estado ao invés de melhorá-lo.

Para Paulo, porém, o mais assustador não foi nem saber que havia a chance de todos os quatro já estarem infectados e que talvez nenhum deles sobreviveria àquele *lockdown*: foi perceber que Cristóvão também sabia disso, e que seu comportamento, como consequência, começava a mudar. Mais especificamente, se até então ele demonstrava certo respeito pela relação entre o repórter e Manuela, agora começava a demonstrar certa obsessão pela jovem cinegrafista, olhando-a, seguindo-a.

Quando Paulo percebeu isso, entendeu que assim que Fernando morresse ou Cristóvão começasse a sentir os sintomas de Covid, este não hesitaria em tomar Manuela para si, mesmo que matasse Paulo para isso. Afinal, há uma semana ela era para os três homens a única mulher no mundo, e aos 19 anos estava ainda por cima no auge da juventude, absolutamente perfeita. O mesmo que atraiu Paulo para ela atraía também Cristóvão. O que o impediria, então, de querer ter um “gostinho” dela antes de morrer?

Paulo tentou pensar em uma solução, mas era-lhe difícil. Por anos acompanhara situações assim naquele maldito programa policial, mas só se interessava por elas quando iam por um mal caminho, quando o sangue e choro já haviam se tornado inevitáveis.

O que fazer? Foi ao lugar do shopping onde achava que lhe seria mais fácil pensar: a livraria. E lá, folheando aquelas centenas de livros, deparou-se com a sessão sobre cinema. Cristóvão adorava filmes, não? Bem no meio da primeira estante, havia um desses grossos volumes de mesa, uma dessas listas de clássicos essenciais para se assistir antes de morrer. E o filme que ilustrava a capa deu-lhe a ideia que precisava.

Encontrou Cristóvão na praça de alimentação, o olhar fixo no banheiro feminino. Certamente Manuela encontrava-se lá dentro.

— Eu sei muito bem o que passa na sua cabeça em relação a Manuela. – Paulo disse, sentando-se à frente de Cristóvão — Mas ela é minha, entendeu? Minha! – Cristóvão o olhou com uma expressão que indicava que isso não fazia diferença para ele — Porém, se você ainda não me matou para tê-la, é porque há algo em você que segue as regras. Então resolvamos isso como cavalheiros. – Mostrou então a Cristóvão o que trouxe escondido: um tabuleiro de xadrez, pego de uma loja de jogos — Se eu perder, termino com Manuela, e você fica livre para chegar nela... Consensualmente, é claro. Mas se eu ganhar, você não olha mais pra Manuela, nem que a gente fique preso neste shopping até morrer. Entendeu?

Cristóvão entendia. Até entendia também de onde veio aquela ideia. E assim começaram a jogar: Manuel com as peças brancas, Cristóvão com as pretas.

Logo no começo do jogo, o repórter notou um movimento rápido atravessando a praça de alimentação, mas o ignorou: pensava enquanto movia as peças, e por vezes dizia em voz alta o que pensava, ao que Cristóvão respondia.

— Como será a vida após esta pandemia? – Era uma das dúvidas que o martelava.

— Minha aposta é que será qual antes, - Cristóvão respondeu — Apenas com mais trabalho remoto e cursos online.

— Sim, mas não estou falando só do dia-a-dia, estou falando da vida num sentido mais... Esotérico, sabe? Tenho a impressão que antigamente as pessoas eram mais gratas por estarem vivas, devido a todas as pestes e guerras que aconteciam.

— E também porque a Igreja dizia que elas deviam ser gratas, mas dizia também que a peste era causada por excesso de pecados no mundo. Então descobriram que a verdadeira causa era o excesso de ratos, e deixaram de acreditar em tudo que ela dizia.

Paulo ficou um longo tempo em silêncio, conforme descobria os movimentos que lhe venceriam aquele jogo de xadrez.

— Será que Deus existe? – Perguntou, movendo um bispo — Xeque.

— Já vi inocentes demais morrendo para ousar buscar uma resposta sobre isso.

– Cristóvão respondeu, movendo um cavalo no caminho do bispo.

Era exatamente a jogada que Paulo esperava que ele fizesse. Moveu uma torre.

— Xeque-mate. – Disse, sorrindo — Manuela continua minha.

Cristóvão encolheu os ombros. Admitia a derrota sem objeções.

Paulo foi até a loja de colchões, esperando encontrar Manuela lá. E a encontrou...

Na cadeira recordadora, Paulo suava. Suas memórias se tornavam difíceis de lembrar, qual um vídeo que trava e depois recomeça alguns segundos depois.

— Paulo, - Um dos médicos disse — Tente se controlar...

— Você não a viu passando pela praça de alimentação? – Lembrava-se de Cristóvão dizer, em um tom de voz sem emoção — Pelo jeito, Manuela não aceitou bem a apostarmos em um jogo de xadrez, como se não tivesse vontade própria...

Foi aquele tom de voz que enfureceu Cristóvão. E desta vez, mais do que as meras confusões de ontem, suas memórias efetivamente se apagavam, e só retomavam quando era conduzido a uma viatura, algemado. Quantos dias mais se passaram até reabrirem o shopping? Não lembrava. Mas quando tiraram os tapumes da entrada, encontraram-no sozinho, com três corpos: um morto por Covid, um por suicídio, e outro por homicídio.

Paulo aproveitou que não estava algemado e tirou o capacete da cadeira recordadora, levantando-se.

— Desculpem-me, não consigo me lembrar de mais nada. – Disse ao corpo de médicos — Quer dizer, tenho memórias, mas... Não consigo lembrá-las. Não suporto.

Os médicos ficaram um tempo em silêncio.

— Tudo bem. – Um disse — Isso será tudo. – Voltou-se aos guardas — Levem ele.

Novamente com o bastão de distanciamento preso ao pescoço, Paulo foi conduzido à sua cela. Ouviu os médicos dizerem alguma coisa entre si, mas não quis prestar atenção para descobrir o que era.

SÓ UMAS COMPRINHAS...

Anderson Almeida Nogueira

Tinha nome de flor – Santolina. Tá certo que não era um nome muito comum, nem a flor era tão conhecida assim, mas ela se orgulhava do nome diferente, “Não sou comum, sou exclusiva!” E logo contava as características da flor rara: “a santolina chamaecyparissus é um arbusto nativo da Europa que dá pequenas flores amarelas e muito perfumadas, minha madrinha que sugeriu o nome”.

Santolina era uma mulher madura, “experiente”, como gostava de dizer. Recém aposentada do serviço público federal, continuava a dar expediente como enfermeira na Clínica de Saúde da Mulher da pequena Vila de Santana da Cachoeira, “pra complementar a renda. Ainda faço umas pecinhas de crochê pra amigas, tenho que economizar pra ir naquela excursão pra Caldas Novas”...

Dona Santolina é casada com Seu Dorianio. Isso mesmo, Dorianio. Um não escapava das brincadeiras do outro por causa dos nomes pouco comuns: “Sua mãe não tinha uma flor mais conhecida pra te dar o nome, não podia ser Rosa, Margarida, Violeta?”, provocava o marido. E ela: “Da onde minha sogra inventou Dorianio?”, no que ele justificava: “É que meu pai estava com um pote de margarina nas mãos quando soube que minha mãe estava grávida, como ele adorava besuntar o pãozinho com uma camada generosa da prima da manteiga, ficou tão emocionado que decidiu dar o nome à filha (ele tinha certeza que era uma menina) da garotinha do pote de margarina. Como nasceu um menino, ficou Dorianio”...

Eram casados há 40 anos, e estavam sempre juntos, ou quase. Só se separavam em duas ocasiões: nos jogos do Flamengo, quando Dorianio não ouvia ninguém, muito menos a esposa, conversada que só ela. Quando a ciumenta e romântica Santolina perguntava se era ela a maior paixão da vida do marido, ele saía com essa: “minha flor exótica, você é a minha segunda maior paixão; não dá pra competir com meu Mengão, afinal me apaixonei por você há 40 anos, mas sou rubro-negro desde que nasci, há 60 anos. Não dá pra competir, né”, dizia, já estendendo a grande bandeira do time na parede da sala de casa, “é pra dar sorte, essa aqui nunca viu derrota!”, sob os protestos da sua flor.

A outra ocasião em que não estavam juntos era nas idas diárias de Santolina ao supermercado, um costume que herdara da madrinha Turmalina. “O que é que você tanto compra no mercado minha flor, a geladeira tá que não cabe mais nada”, dizia Dorianio a cada vez que a esposa chegava em casa carregada de sacolas. “Não enche homem, não tinha nada que me apetecesse ali, quero cozinhar uma comidinha diferente hoje. E ainda dá pra juntar umas sacolinhas pra botar o lixo”.

Toda tardinha, quando saía da clínica em direção ao lar, a mulher dava uma “entradinha” no mercado. Dorianio já sabia que o café da tarde que ele esperava para tomarem juntos ia atrasar mais uma vez.

Tudo ia bem, uma passadinha no mercado aqui, um futebolzinho ali. Umas sacolas a mais, uma geladeira com um congelador maior comprada; uma bandeira nova, maior, afinal a antiga já estava gasta de tantas batalhas; um manto sagrado modelo novo. Tudo normal, até aquele fatídico dia...

O casal estava sentado na sala vendo a programação na tv nova que Dorianio comprara. “Olha que belezura minha flor, olha o tamanho da bicha, meu Mengão vai ficar ainda mais gigante nesse cinema”. Santolina queria era ver as suas novelas naquela tela de 80 polegadas, “não vou precisar nem de óculos. Imagino “A Lagoa Azul” nesse cinema particular”, dizia, saudosa do filme preferido, que, afinal, ainda não tinha passado nenhuma vez nessa semana... Banho tomado, os dois perfumados como de costume, jantando aquela comidinha especial comprada “ind’agorinha mesmo”, quando começou o Jornal Nacional, que Dorianio não perdia por nada. Veio a notícia que assombrou o mundo: “Uma pandemia de gripe da perdiz albina está contaminando pessoas no mundo inteiro”, dizia o apresentador solene, “a doença começou na Ilha de Kurukama, um pequeno país no sudoeste asiático. Segundo a Organização Mundial da Saúde todos os habitantes do planeta devem permanecer em isolamento até que a vacina contra a gripe da perdiz seja aplicada em massa”. Continuou o jornalista com expressão sorumbática: “O governo brasileiro já proibiu a circulação de pessoas nas ruas, o comércio permanecerá fechado e só poderá vender on-line pelos próximos 3 meses. Está tudo suspenso, cinema, shopping, futebol”.

“Como assim?” Exclamaram juntos, mas por motivos diferentes; Dorianio inconsolável: “paguei uma nota preta nesse cinema e o Brasileirão vai parar, não acredito!”, e Santolina: “Meu Pai do céu, e minhas comprinhas diárias, estou praticamente sem nada na geladeira!”, disse, inconsolável. Não cabia nem mais um pote de geléia ali, mas... “Perdi até a fome”, falaram juntos de novo e ficaram mudos pelo resto da noite.

Os dias que se seguiram foram difíceis, nenhum futebol, nenhuma ida ao mercado, os dois o dia inteiro em casa. Ela fazendo seu crochê, ele lendo seus livros; ela fazia bolo, ele mexia nas plantas; ela cozinhava, ele lavava; os dias foram passando...

Ele caçava qualquer jogo pra ver na tv gigante; ela caçava as reprises de novelas para ver na tv enorme; ele reclamava da novela, ela achava jogo um saco; ele subia e descia as escadas do terraço pra fazer exercício, ela trocava a roupa de cama e as toalhas dia sim, dia não. Estavam ficando neuróticos...

“Essa pandemia tem que passar pra essa mulher ir ao mercado, ela tá ficando doida”, pensava Dorianio. “Essa pandemia tem que acabar pra esse homem ir ver o futebol dele lá no

bar da esquina, ele tá variando”, pensava Santolina. Os pensamentos dos dois foram dispersados pelo carro de som anunciando: “Atenção dona de casa, faça as suas compras no Mercado Florença pela internet, entregamos na sua casa, é rápido e fácil”.

“Estamos salvos, Dorian”, Santolina estava radiante. “Vou fazer umas comprinhas agora mesmo”, disse, sacando o celular e já digitando no aplicativo do Mercado com nome de cidade italiana. Comprou de tudo e pensou: “são 9 horas da manhã, vai dar até pra fazer uma macarronada no almoço com os ingredientes que comprei, afinal o Dori gosta tanto”, ficara romântica de tanta satisfação, “Dori, vamos tomar uma taça de vinho, bota pra gelar”. As horas passaram e nada das compras. O almoço não saiu, sobremesa nem pensar, café da tarde também não, estava tudo nas compras. “Mas minha flor, a geladeira tá cheia”, Dorian estava aflito. “Tá tudo congelado, com esse frio nada descongela, e periga estar tudo vencido. Eu quero minhas compras!”

As horas passavam e nada do caminhão do Florença. Santolina reclamava, ligava pro mercado, fazia juras de nunca mais pisar naquela espelunca, “vou passar a comprar no Mercado Rural”. Dorian não aguentava mais de fome, já tinha comido três pacotes de banana passa e visto todas as reprises de finais de campeonato que o Flamengo ganhara desde 1980, “a vantagem é que a gente só vê as vitórias, né”, dizia pra tentar se animar.

A noite começou a cair e nada de compras, Santolina reclamava, Dorian xingava. E as compras, nada. Passou a novela das seis, a das sete, o Jornal Nacional. Quando começou a novela das oito que inicia às nove, um comboio entrou buzinando no acanhado bairro residencial da Vila da Cachoeira. “Que bagunça é essa, porra!”, Dorian botou a cara pra fora assustado. “Finalmente, minhas comprinhas!”, Santolina se chegou na varanda radiante, até se esquecendo da demora.

“Dona Santolina mora aqui?”, perguntou o motorista da primeira carreta. “mora sim, sou eu mesma”, disse a flor. “Suas compras, senhora. Desculpe a demora, é que tivemos que buscar mercadorias nas outras lojas das redondezas, mas tá tudo aí nas carretas”, disse, ao mesmo tempo em que paravam quatro caminhões na rua, impedindo o trânsito do bairro. Alegria em casa, ela “nadando” nas compras; ele sonhando com a janta...

A SÚBITA DITADURA DAS PEQUENAS COISAS

André Luís Soares

Homem negro de estatura média – nem gordo nem magro –, cinquenta e seis anos, olhos castanhos e cabelos começando a ficar grisalhos, Jacob tinha uma renda mensal razoável, decorrente de um conjunto de serviços relativos à correção e diagramação de textos, além de desenvolvimento de planilhas eletrônicas, entre outras coisas. Como complemento, nos finais de semana e feriados atuava também como fotógrafo de eventos. Porém, em março de 2020, quando o primeiro caso fatal de Covid-19 foi anunciado no Brasil, ele entrou em desespero, imaginando que parte considerável de seus ganhos seria perdida em função de uma provável queda da atividade econômica. Assim, refez as contas pessoais e começou a conter os gastos.

Preocupado também com sua mãe, que residia em Brasília, solicitou que ela viesse morar com ele, em Guarapari – balneário capixaba, famoso por ser a praia preferida dos mineiros. Jacob acreditava que, em uma cidade pequena, seria bem mais fácil proteger sua mãe de uma possível contaminação. Além disso, quando surgisse a vacina, seria igualmente mais fácil receber a dose, estando em um município com pouco mais de cem mil habitantes, que na Capital Federal e adjacências – onde moram, atualmente, mais de três milhões de pessoas.

Sorrindo *de orelha a orelha*, Dona Holanda aceitou o convite prontamente, pois nutria imensa paixão pela cidade, tanto quanto adorava estar perto de seu único filho. Não demorou muito e a pandemia avançou, levando pânico extremo aos que moravam nas praias mais visitadas. No caso específico de Guarapari, a ignorância de parte das pessoas tornou inúteis os esforços da prefeitura, que, em vão, tentava conter o fluxo de turistas nos fins de semana e feriados – por meio de campanhas informativas nas redes sociais.

Já no primeiro semestre, o pequeno apartamento de Jacob virou uma tremenda confusão. De início, ele e dona Holanda fizeram compras em demasia – com medo que os estoques acabassem rapidamente. Logo descobriram que parcela significativa dos alimentos adquiridos não cabia na geladeira e nos armários. Pensaram em comprar outra geladeira e instalar mais armários. No entanto, após estudarem diversos *layouts*, convenceram-se de que a pequena cozinha não dispunha de espaço suficiente. Então, após verem estragar boa parcela das frutas, verduras e legumes, passaram a comprar quantidades menores – o que os obrigava a irem ao supermercado em maior frequência.

Dona Holanda somente pensava em proteger o filho, de quem ela sempre queria cuidar como se ainda fosse uma criança indefesa. Por mais que ele insistisse, a mãe teimava que era ela quem deveria fazer as compras – e somente ela! Após vivenciarem as primeiras

discussões mais acaloradas, ficou acordado que Jacob faria as compras. Para desespero de dona Holanda, ele dispunha de uma pequena motocicleta. Vendo os jornais anunciarem que o número de leitos se esgotava rapidamente, sendo quase todos voltados exclusivamente para o tratamento da *Covid*, a pobre senhora só conseguia pensar em um possível acidente, no qual seu amado filho estaria impossibilitado de receber tratamento ou, ainda pior, seria internado em meio a um sem-fim de pessoas já contaminadas – até contaminar-se também. Não era pessimismo. Era a força da realidade trágica mexendo com todos os seus sentidos.

Por sua vez, Jacob também alimentava os próprios medos. Apesar de seguirem à risca todas as recomendações sanitárias, a cada ida ao supermercado ele temia trazer o vírus para dentro de casa e, com isso, provocar a contaminação e, por conseguinte, a morte da própria mãe. Isso simplesmente o apavorava. No mercado, entre as gôndolas, quase paranóico, ele temia tocar cada produto. No caixa, quando pagava em dinheiro sentia pavor de receber o troco; quando usava o cartão, tinha pavor de digitar a senha ali... onde tantos haviam manuseado. Ao voltar para casa, higienizava tudo várias vezes – de modo quase doentio. Não bastasse, tomava banhos em excesso. Usava álcool *in gel* como se pretende embebedar-se pelos poros. Tudo isso tornava o dia muito exaustivo, visto que o cotidiano fora tomado de assalto por rotinas antes inimagináveis, estabelecendo uma espécie de interminável e súbita ditadura das pequenas coisas.

Quase ao acaso, ele percebeu mudanças no comportamento da mãe. Notou que ela já não se concentrava na programação televisiva, limitando-se a olhar para o filho quase que em tempo integral – como se ela fosse Narciso e ele, o espelho. Jacob não sabia aferir exatamente quais e quantos receios a atormentavam. Talvez sentisse medo de estar olhando para o filho pela última vez, apavorada com a possibilidade de sequer ter direito a um velório e enterro. Talvez estivesse se sentindo culpada, por não ter conseguido convencê-lo de que ela é quem deveria ir às compras. Católica fervorosa – dessas que sempre são vistas à noite com um rosário à mão –, é bem provável que, em sua infinita crença, estivesse fazendo preces mentais, buscando convencer Deus a poupar a vida do filho, em troca da sua. Diante do olhar sempre terno de dona Holanda, Jacob via a si mesmo como um bebê em eterno quebranto. Parecia que, a qualquer instante, aquela frágil mulher o pegaria no colo para embalar seu sono febril.

Com o decorrer dos meses seus corpos também apresentaram mudanças. Sem mais poderem fazer caminhadas diárias – no calçadão da Praia do Morro –, ambos ganharam peso em excesso, tornando-se nitidamente mais preguiçosos. Dona Holanda dormia muito além do normal. Quando se levantava, gemia e reclamava dores – levando a crer que envelhecera dez anos em poucos meses. De igual modo, Jacob se tornara relapso, deixando acumularem-se as muitas encomendas de planilhas, revisões e formatações de livros, artigos e monografias. Sem

que percebessem, cada vez mais eles sentiam dificuldade de pensar em outra coisa que não fosse a pandemia – o que só piorava a situação, posto que as notícias na televisão enfatizavam o assunto. Sem poderem sair ou receber visitas, o tédio e a impaciência foi tomando conta do apartamento, o qual parecia menor a cada semana. Como consequência, as discussões se tornaram rotineiras e mais intensas.

Buscando solucionar ou ao menos minimizar tais questões, Jacob comprou uma mesa de *ping-pong*, a qual foi rapidamente montada na garagem do prédio – em caráter permanente. Todas as noites ele jogava com Mário, o zelador do prédio, por cerca de duas horas. Isso fez com que Jacob perdesse peso em poucas semanas, contribuindo também para aliviar as tensões com dona Holanda – que agora ganhara um tempo a mais de silêncio e privacidade. Porém, Mário tinha esposa, filhos e netos em idade escolar. Não demorou e todos na casa do zelador foram acometidos pela doença. Quase que por milagre, ninguém ali veio a falecer. No entanto, em nome do bom senso, o tênis de mesa foi suspenso.

Vindas das ruas ao redor – e reverberadas, de modo incessante, por porteiros e pelas atendentes de padarias e farmácias –, as notícias de falecimentos chegavam praticamente todos os dias. Em uma ocasião morre *fulano*, na outra *sícrano* e *beltrano*. A impressão era a de que a morte rondava o minúsculo apartamento, em triste *adágio*, tal um canto de sereia, como se quisesse torturar lentamente suas próximas vítimas. Quando o morto era alguém conhecido, mãe e filho eram tomados por silêncio sepulcral durante dias, de tal forma que Jacob se sentia envergonhado, por não saber dizer se seu sentimento era de compaixão e solidariedade, ou simplesmente covardia. E assim, mesmo reconhecendo que havia muita gente em situação bem mais precária e caótica, a *Covid* foi transformando também a mente e o coração de ambos, que, rapidamente, desumanizando-se contra a própria vontade, passaram a ter medo de ajudar outras pessoas – menos favorecidas.

Próximo a setembro de 2020 – mês em que mãe e filho fariam aniversário –, dona Holanda, embora falasse com as irmãs quase todos os dias, por telefone, encontrava-se visivelmente em profunda depressão. De certa forma, as conversas diárias pioravam as coisas: seja por conta da saudade crescente e do medo da perda repentina; seja em função da ciência que ela ia tendo acerca dos parentes levados pela pandemia. A morte do irmão mais novo foi a *gota d'água*. Na distância, sem poder se despedir, dona Holanda incorporou o silêncio, limitando-se a responder tudo com meras expressões monossilábicas inexpressivas, quase inaudíveis. Reassumindo a posição fetal e cada vez mais enrolada em cobertores – inclusive em dias ou noites de calor exacerbado –, ela mais parecia uma borboleta retornando ao casulo. Fechada em si, negava-se até a ouvir qualquer melodia, reclamando de dor de cabeça logo aos primeiros acordes musicais – totalmente alheia ao fato de que Jacob não sabia viver sem pano de fundo sonoro.

Assim, sem mais poder ouvir os discos de rock e de MPB que tanto o inspiravam, e, também, sem acesso a outras distrações – restando apenas bastante trabalho acumulado –, Jacob sentia falta dos bares, das paqueras, dos *drinks* e do torresmo no bar do Nildo, de assistir futebol nos quiosques da praia, do sol, da fotografia. Sua vida se resumira a comer, dormir e ter medo – em uma rotina cinzenta, sem direito à poesia. No entremeio disso, a televisão falava, para ninguém, sua saga homérica de luto coletivo; enquanto algum dinheiro se acumulava inutilmente na conta bancária.

Jacob passou a ignorar as notícias, irritado com a resistência criminoso do governo em comprar vacinas. Ele também se exaltava ao ver que parcela significativa da população defendia o uso de medicamentos ineficazes, revelando-se radicalmente contrária às medidas básicas de proteção. E assim chegou o Natal, desprovido de presentes e de ceia – mas repleto de inimagináveis absurdos. Na virada de ano, os usuais fogos de artifício na praia foram entendidos como o mais total desrespeito, pois significavam que, alheios ao crescimento das mortes por *covid*, os turistas continuavam a superlotar a cidade, trazendo mais e mais doença. Com receio de contaminação, Jacob e dona Holanda aumentaram o nível de reclusão voluntária na alta temporada. Agora, sequer desciam para tomar alguma réstia sol, no jardim de inverno do prédio – contrariando a orientação médica para que captassem diariamente um pouco de vitamina D.

Em dezessete de janeiro de 2021, quando finalmente Mônica Calazans grafou seu nome na história – como a primeira cidadã brasileira a ser vacinada –, o choro compulsivo fundiu-se ao facho de luz que pareceu novamente iluminar o pequeno apartamento, no segundo andar do Edifício Monique, no lote 513 da Avenida Praiana. Foi então que Dona Holanda resolveu assumir – de uma vez por todas – as tarefas externas. Em esforço incomum, catapultando-se para fora de seu casulo, no sofá da sala, ela decidiu que, assim que tomasse a primeira dose, não mais deixaria o filho correr riscos. E foi o que fez, logo após ser vacinada. Jacob sequer teve como reagir, tamanha foi a insistência da mãe.

Porém, do alto de seus setenta e seis anos, dona Holanda sofria com as constantes subidas e descidas dos dois lances da íngreme escada – do prédio velho, sem elevador –, portando sacolas pesadas de produtos alimentícios e de higiene. Contudo, apesar das dores nas pernas, na cervical e na lombar, ela somente pensava em evitar ao máximo que o filho fosse à rua. Para surpresa de Jacob, tal inversão da situação não resultou em melhoras significativas. Agora era sua mãe quem se esmerava em imunizar cansativamente tudo que trazia para dentro de casa. Passou também a preocupar-se com qualquer mínima tosse ou todo espirro matinal de Jacob — implorando para que o filho parasse de consumir coisas geladas. Com cuidados redobrados, ela se exauria a olho nu.

Jacob não queria entrar em conflito com a mãe. Ele percebia que ela estava mais feliz,

sentindo-se útil por desenvolver todas aquelas tarefas pesadas. Por outro lado, ele se via como um covarde por permitir que a mãe fosse às compras. Afinal, pensava ele, a primeira dose pode não ser tão eficaz para quem se expõe continuamente. E tem ainda a idade e as comorbidades. Ele sabia que dona Holanda possuía já algumas doenças graves: a diabetes, descoberta pouco antes da pandemia; a tendência à depressão, revelada ao longo do isolamento; além das já conhecidas graves alterações na saúde, de origem laboral, oriundas ainda do tempo em que ela era auxiliar de enfermagem nos hospitais públicos do Rio de Janeiro – males esses que a levaram a se aposentar por invalidez.

Meses depois, quando enfim Jacob recebeu sua primeira *Astrazêneca*, mais uma vez o choro inundou aquele restrito apartamento, aliviando os corações ali enclausurados. Na medida em que foram se vacinando consecutivamente, as coisas foram voltando à normalidade de modo paulatino. Após a quarta dose, dona Holanda viajou para Brasília, com o intuito de cuidar da irmã mais velha – que, por conta da longa inatividade durante a pandemia, havia perdido massa muscular em ritmo acelerado. Jacob voltou ao nível costumeiro de trabalho. Certo dia, tendo consultado o extrato bancário, surpreendeu-se com a quantia que conseguira poupar durante o isolamento. E como quem tenta passar a borracha na vida para apagar um erro crasso, buscou entidades filantrópicas locais, a fim de colaborar com as famílias menos afortunadas, nas periferias da cidade. Dessa forma, cada um a seu jeito – após cuidarem bem um do outro... e de outros mais –, dona Holanda e Jacob sonharam em fazer as pazes com a própria consciência.

Entretanto, ainda sabendo que não sofreram tanto, eles nunca mais foram os mesmos. Por mais que hoje se reconheçam privilegiados e se sintam agradecidos, a alegria já não mais é tão presente em seus semblantes. Ambos estão mais gordos e com os cabelos ralos plenamente embranquecidos. Suas palavras agora são mais contidas. De alguma forma, o medo parece ter erguido moradia permanente em seus cotidianos. Para eles, a sobrevivência é entendida como uma *vitória de Pirro* – na qual os supostos ganhadores saem igualmente derrotados. A confiança de Jacob e dona Holanda fora abalada, ao perceberem que a vida humana é infimamente frágil perante esse inimigo invisível – que ainda habita entre nós. Em algum lugar de suas consciências, mesmo que tentem desesperadamente ressignificar suas vidas, por todo o sempre lamentarão as centenas de milhares de pessoas que não tiveram a mesma sorte.

O VENTO QUE PERMEIA A ESPERANÇA

Mauro André Oliveira

A modesta casa de frente para a rua pacata de onde ao longe se avista o azul do mar e, na direção oposta — mas já não tão longe assim—, as encostas esverdeadas da mata serrana, escondiam, entre suas paredes mal rebocadas e o teto sem forro, um homem triste e solitário. Raul vivia ali isolado desde a separação, levando a vida entre as idas e vindas ao trabalho e um gole e outro no bar e restaurante do seu Joaquim. Ah, o alcoolismo! Fator crucial para a ruína de seu casamento e consecutivo afastamento do seio familiar. Mas sua situação foi de fato se agravar quando o governo anunciou as medidas de isolamento social para conter o avanço da pandemia de Covid-19 que assolava o mundo e, inevitavelmente, atingiu a pequena cidade litorânea onde passou a viver após a separação.

Logo que as autoridades anunciaram as ações para conter a proliferação da doença, Raul viu-se de repente desempregado e, conseqüentemente, sem recursos para a subsistência no decurso da quarentena. Ganhava a vida a ministrar aulas de violão numa escola de música do bairro, que à semelhança de tantas outras pequenas empresas do país, foi obrigada a fechar as portas. E, para seu desalento, não recebeu nenhum pagamento pelo término da relação de trabalho. E ao chegar em casa, foi se dar conta de que, além de algumas garrafas vazias de aguardente, na despensa não havia mais do que algumas provisões que só dariam para ele passar alguns dias.

Impelido pelas circunstâncias, saiu às compras, a fim de preencher o vácuo nas prateleiras. Entretanto, o pouco dinheiro que ainda tinha na carteira só deu para comprar uma cartela de ovo, um saco de pão e algumas fatias de presunto e queijo no mercadinho do bairro. Sua esperança era seu Joaquim, o dono do restaurante onde mantinha uma conta de fiado para pagar no mês seguinte. Ao chegar, porém, ao restaurante, descobriu que o velho português já havia também se adaptado às adversidades dos novos tempos de pandemia.

— Não posso mais vender fiado — anunciou o comerciante, sem rodeios.

É verdade que a conta do mês anterior ainda restava pendente, mas como poderia saldá-la, se perdera o emprego e, por conseguinte, o ordenado? E então relembra quantos clientes já haviam sido atraídos para as mesas daquele estabelecimento, ou dali protelaram a saideira, por conta do som tangido nas cordas de seu violão onde tocava aos fins de semana sem cobrar um tostão. “Deixa estar, logo isso vai passar!” — murmurava consigo mesmo, enquanto descia a ladeira íngreme que o conduzia à sua casa, com a sacola do supermercado a balançar em uma das mãos. E naquela noite foi dormir sóbrio, e ao despertar pela manhã, sobressaltou-se, porquanto já não conseguia se recordar quando foi a última vez em que

acordou sem o mal-estar da ressaca e o regurgito do travo em sua boca. E isso o fez sentir-se bem na bela manhã ensolarada que despontava no horizonte.

Ao abrir as persianas, experimentou o frescor do amanhecer trazido pelo vento que vinha do oceano e invadia sua casa com o canto da passarada e o aroma dos crisântemos que florescia no pé da serra. E então, vão raiar na memória lampejos do passado, episódios esparsos perdidos por entre as páginas do extenso livro da vida, com algumas narrativas redigidas com a tinta perene do destino, e outras já perdidas nas entrelinhas de suas pautas oblíquas. Refletiu, nessa hora, que a despeito das adversidades, a vida ainda pulsava nas veias, e que o vento que vinha de longe trazendo o canto dos pássaros e o aroma das flores, também trazia consigo as expectativas de um amanhã alvissareiro. Pegou o violão, e ofereceu à vida a única coisa com que podia brindá-la: a suave melodia que fluía das cordas de seu instrumento, e que o mesmo vento que entrava pelas frestas da persiana a carregava célere e prontamente pelas cercanias do bairro onde morava.

E assim os dias iam passando: preso em casa, sem emprego e dinheiro, enquanto via o pouco alimento que havia na despensa se acabar, Raul já não sabia o que fazer, a não ser tocar o seu violão. Um dia, enquanto dedilhava uma música instrumental a acompanhar o canto incessante dos pássaros, alguém bateu à porta. Evidentemente, Raul nem imaginava quem poderia estar naquele ensejo a chamá-lo, posto não ser usual receber visita em casa. Quando saiu para atender, percebeu que quem bateu na porta de modo a anunciar-se, ali já não mais se encontrava. E ainda com a mão a segurar a maçaneta, quando foi puxar a porta para novamente fechá-la, de chofre avistou ao lado do batente uma vasilha de plástico coberta por um pano de prato bordado. Olhou para os lados, mas nem sinal de quem deixou aquele objeto ali ao acaso. Pegou a vasilha, e ao puxar o pano de prato que a cobria, observou, surpreso, que nela havia um prato de comida e algumas frutas. Nem lhe passava pela cabeça quem poderia ter-lhe enviado aquela refeição. De qualquer modo, não se fez de rogado, e feliz como o beduíno que acaba de se deparar com um oásis no deserto, sem demora foi servir-se do repasto.

E dessa maneira foi se sucedendo, dia após dia. Alguns toques na porta um pouco antes do meio-dia, e quando ia atender, encontrava sobre o batente uma vasilha com comida. Pela manhã, Raul colocava a vasilha vazia e limpa no mesmo lugar onde a havia pego no dia anterior, sem procurar saber quem era o responsável pela indulgência. Julgava que a pessoa que estava a lhe presentear com o almoço diário, por algum motivo preferia manter sua identidade oculta. E, desse modo, isolado no desterro de sua residência, cuja quietude só era quebrada pela agitação do vento que penetrava pelos vãos das persianas e levava para as ruas o som produzido pelas cordas de seu violão, os dias foram se passando. Não que estava sendo fácil viver daquele jeito, sozinho e sem perspectivas de dias melhores. Mas pelo menos já não

se preocupava com a alimentação, que lhe vinha sendo provida todos os dias pela alma benevolente que não fazia questão de se revelar. E também vinha conseguindo se manter sóbrio, pois já não era possível refestelar-se nas noites de pândega e carraspana como ordinariamente fazia antes da pandemia.

E essa súbita conjuntura, que o arrebatou a este duradouro estado de sobriedade, o levou a ponderar sobre os rumos que vinha dando ao seu destino: vivendo o presente sem nenhuma preocupação com o amanhã. Foi preciso uma terrível pandemia, que levou toda a humanidade a viver sob o manto do medo e da incerteza, para que ele refletisse sobre tudo o que já havia passado. E essas contemplações o levavam a acreditar que ainda seria capaz de mudar o seu destino, enfrentando de frente as dificuldades da vida, sem necessidade de encharcar-se no álcool.

Passado algum tempo, como todo santo dia já vinha ocorrendo, um dia alguém bateu à porta. Após esperar alguns minutos, de modo a dar tempo ao anônimo doador ir, sem pressa, embora, Raul abriu a porta. Além, entretanto, da vasilha com a comida, sobressaltou-se ao se deparar com alguns de seus ex-alunos da escola de música na calçada. Ficou deveras emocionado quando lhe contaram que eram eles os responsáveis pela refeição que era todo dia deixada na porta de sua casa. E nesse ensejo também lhe revelaram que, após o fechamento da escola de música, eles ficaram sobremaneira apreensivos com a possibilidade de não mais poderem continuar as aulas de violão. Foi quando decidiram criar um grupo numa rede social, com o intuito de localizar o paradeiro do professor e, de algum modo, ajudá-lo a superar as dificuldades durante o período de quarentena. Até que um dia o vento que sopra do mar e invade o continente pelos seus recônditos valhacoutos, levou o som de seu violão pelas ruas do bairro, revelando o endereço onde ele estava homiziado.

— Professor, acabou a quarentena — revelou um dos alunos. — Já podemos recomeçar as aulas?

Como a escola de música ainda estava fechada, decidiram que as aulas seriam ministradas agora no quintal da casa do professor, por ser um lugar arejado e onde poderiam manter o distanciamento protocolar. Seguindo as orientações sanitárias — uso de máscaras, álcool em gel e imposição de distância entre professor e aluno —, estipularam para o dia seguinte o recomeço do curso, dessa vez com apenas um aluno por aula, de modo a evitar aglomeração.

Com o fim da pandemia, Raul montou ali sua própria escola de música, e hoje é uma das mais prestigiadas da região. Mantendo-se ainda sóbrio, todas as manhãs ele abre as janelas de sua casa, de modo que os ventos auspiciosos da manhã que trazem o canto dos pássaros e o aroma dos crisântemos que florescem nas encostas, possam imiscuir-se em sua alma, levando-o a renascer com o dia que amanhece. E nessa hora Raul vai refletir que, a

despeito das dificuldades e das contingências do destino, devemos sempre seguir em frente, e mesmo diante das piores provações, jamais devemos desistir da vida.

QUEM É VOCÊ NA FILA DO PÃO?

Cícero Gilmar Lopes dos Santos

Dia 13 - Não há mais séries que eu queira assistir nos três canais de streaming que assino. Igualmente, cansei de responder as conversas mortas, vazias de entusiasmo, concebidas dentro da limitada etiqueta virtual dos aplicativos.

Mandando aqui um emoji de “carinha de vomitando”!

Para proteção contra o vírus, tenho máscaras de todas as cores e alegorias para cada manifestação de espírito. Hoje usarei a do meu time – Vai prá cima deles, Santos!

Tenho saído pouco, seguido as recomendações dos manda-chuvas da OMS. Tenho medo de sair, mas moro sozinho, de modo que para abastecer a geladeira e a dispensa tenho que fazer essas excursões ao mercado, à feira e à padaria. Montaram um sistema de atendimento na padaria, que consiste na marcação do piso para o perfeito distanciamento entre as pessoas da fila e, antes disso, há um dispenser de álcool em gel. Sou o que chamam de sistemático, cumpro horários bem definidos e rotinas invariáveis. Assim é plausível que encontre sempre as mesmas pessoas nessa fila. Quando chego, estão à minha frente: Marcos, o major aposentado; Lucarelli, o eterno playboy da rua XV; Ana Alice, diretora da escola da minha neta; Bosco, a promessa de estrela cinematográfica que não vingou e Rosa, empregada doméstica na casa dos Silveira. Eu, ainda com sono e quando estou assim, é certo que o meu humor está caindo de péssimo para terrível. Com esse ímpeto de alma, presencio a interminável solicitação do major e sua forma irritante de pedir cada item com a certeza de uma noiva insegura de novela da Globo a caminho do altar. E demora... Ora quer salame, outra quer presunto e não se decide por nenhuma opção de marca. Imagino esse sujeito tendo que decidir ações de combate... Perderíamos a guerra por falta de iniciativa.

Dia 32 – Joguei fora as tintas. As aulas de pintura (online) conseguiram segurar um pouco a ansiedade e inquietação que virava e me revirava, deixando-me de arregalados olhos, tonto e prostrado no deserto da sala de estar. Pinteí naturezas mortas, pessoas retratadas descompostas, desconstruídas, como na fase cubista de Picasso. Me perdi numa fuga abstrata. E no fim do processo não me serviam as tintas, queria sangue nas telas.

Chego para ocupar meu lugar na fila do pão, sinto falta do Lucarelli, mas não tenho ânimo de perguntar por ele, e então de forma sobrenatural a dona Rosa me informa.

— Soube do seu Lucarelli? Antes que eu declarasse que não, ela disse: morreu!

Uma inundação de pensamentos me traz à memória as peripécias do sujeito que ainda vivia preso aos anos oitenta, que frequentava os bailes de flashback do Clube dos Ingleses, que ousou fazer um implante para mascarar a calva madura. Implante que mais parecia um confuso ninho de pássaros.

Dia 63 - Depois de muito tempo, voltei a assistir aos noticiários. Esperança é uma garrafa com uma mensagem dentro que lançamos ao mar, esperando que chegue ao destinatário certo, aquele que possui meios de nos resgatar. As notícias, porém, desmentiram qualquer esperança. Nenhuma resposta ao S.O.S ... Nenhuma certeza, nenhuma previsão, o governo sugeria um bêbado que não sabe o caminho de volta para casa. O governo parecia o major Marcos, sem conseguir escolher a marca do presunto.

A fila está menor. Ontem - me disse a atendente – foi a Rosa quem partiu, assim de repente. Assim foi. Vítima de um processo furioso de poucos dias. Um dia botão de rosa e no outro, mais um número para as estatísticas. Agora quem ocupa o lugar à minha frente é a Ana Alice. A respeitável diretora de colégio, viúva, há tempo demais e dona de uma exuberância que sempre afetou de forma avassaladora o meu parco equilíbrio. É o meu lado libertino e sático que imagina as safadezas que podíamos praticar, eu e essa honorável senhora. Para que tanta castidade e respeito se vivemos os últimos dias, antes da erupção do Vesúvio? Penso em arriscar essa “cafajestada”, mas a minha face mais realista me faz refletir que não é o caso. Ana Alice jamais se deixará levar, ainda que vivendo na urgência e no desespero de uma situação apocalíptica e por mais que na eminência de um desastre, ela será e seguirá firme na sua crença. É uma mulher que acredita no amor. E o amor, ao exemplo dela, também preserva suas regras e condições, sendo que um dos seus preceitos básicos é que sem a composição química correta, não tem romance. Admito o desastre; não temos empatia, nossa fórmula é fraca. Leio claramente isso, nesta mulher bela e fria como uma montanha de mármore, guardiã da fronteira que divide nossos mundos díspares, tal e qual o estreito de Gibraltar, não emite sinal, senha, farol, piscar de olhos, balançar dos cabelos, lábios umedecidos ou qualquer outra representação de linguagem corporal. Assim, enfiei meus sonhos junto com os pães no pacote e voltei à minha cela.

Dia 92 – Surtei. Fui à praia na intenção de caminhar do canal seis ao emissário submarino. Não usava máscara. Ali, na altura do canal três, dois patrulheiros da guarda municipal me surpreenderam; vieram correndo, vindos do calçadão, no intento de deter-me, prender e multar, afogar... Corri. Corri como um campeão queniano. Foi um auto indício de que me encontro em admirável forma física; porque deixei os guardas comendo areia, fugi pela esquina do Hotel Atlântico e da Praça, usei um Uber para retornar à prisão domiciliar.

Cheguei eufórico. Nada como uma pequena aventura para revitalizar o sujeito, sacudir sua sopa de hormônios e aumentar sua melhor estima. Eu me sentia revigorado como o adolescente que pulou os muros da escola para vadiar com os amigos. Seguro o elevador para alguém que grita, querendo aproveitar a viagem, é Ana Alice. Ela aperta o seu andar e coloca-se protegida junto a uma das paredes.

Quando ela entrou, limitei-me a uma reverência de cabeça e a ignorei. Tinha esquecido como isto sempre dá certo – ao ser ignorada, ela me notou... Pousou sobre mim os grandes olhos verdes e, ainda que fosse de forma crítica, representava um plot twist muito significativo que culminou em...

— Mas o senhor, ehn, seu... — Disse num tom de professora rígida.

Castradora, pensei, olhando dentro daqueles olhos e me imaginando agarrado ou preso entre aquelas pernas de ébano.

— Qual o problema?

— Todo suado...

— Estava correndo!

— Meu andar... — Ela anuncia quando a porta se abre no sexto.

— Um café?

— Não entendi...

— Nunca me convidou para um café, uma água, um uísque.

— Por que será? – Diz e some no corredor.

Dia 106 – Resolvi fazer uma live. O assunto seria qualquer coisa. Declamar uns poemas, ensinar a receita da torta de jiló, cantar uma canção dos Monkees, recitar os sermões do Padre Antonio Vieira ou o pensamento vivo de Raul Seixas... Decidi por fazer um talk show com minhas únicas companhias dos últimos meses: a lagartixa Gretchen e a barata Beauvoir que, aliás, não compareceu, creio que por incompatibilidade com a senhorita Gretchen.

Na fila, a lacuna da vez era o Bosco. Morto também pelo terrível vírus. Diógenes Bosco foi um ator que quase chegou aos píncaros da fama; desgraçadamente, por conta de más escolhas (as escolhas são fundamentais), retornou *looser* a Santos para mendigar um cargo na Secretaria de Cultura. Agora pensem na tristeza do espírito desse homem, ser enterrado sem um pomposo velório, onde, decerto, compareceria a nata da dramaturgia brasileira e haveria discursos de sumidades como Zé Celso e outros grandes com quem trabalhou no teatro. Nada. Não teve velório, audiência, somente o namorado pôde estar mais próximo na hora do adeus. Quero rir da desgraça alheia, mas sinto um vazio, uma tristeza absurda, tédio, loucura... Penso se uma queda do oitavo andar é garantia de morte ou se corro o risco de me quebrar e ficar sequelado e inútil. Talvez, vedar portas e janelas e abrir o gás seja mais eficaz. Tenho segurança da missão cumprida; filhos criados e ausentes como manda o protocolo e nenhum amor para chorar por mim. Sem convite para uma suruba ou convocação para a equipe que tem um plano de salvar o mundo. Não farei falta.

À minha frente está uma moça de jeans rasgados. Ligada ao celular por fones de ouvido, ela se balança, motivada por alguma canção que não devo conhecer. Deve ser nova aqui no bairro; depois está o major, falando alto com o dono da padaria e dois enfermeiros do

SAMU que deviam estar entrando ou saindo de mais um plantão. Quem será o próximo? — Eu penso. Serei eu? Absorvido nesses pensamentos de tristeza, medo e melancolia, nem me atendo ao andar da fila; quem chega, quem sai. Na minha vez, peço três carás e uma broa de milho. Me viro para retornar ao apartamento/jaula e dou de cara com ela... Percebo logo que cortou a vasta cabeleira crespa, deixando os cabelos rentes, uma ousadia que em outra mulher poderia dar errado, mas que nela teve o condão de torná-la mais linda ainda. Ela sorri. Meu Deus! Ela sorri? Sim, ela sorri!

— O senhor pode esperar-me?

Não respondo, estou encantado, bêbado daquele sorriso. É óbvio que espero. No caminho para o nosso prédio, ela diz:

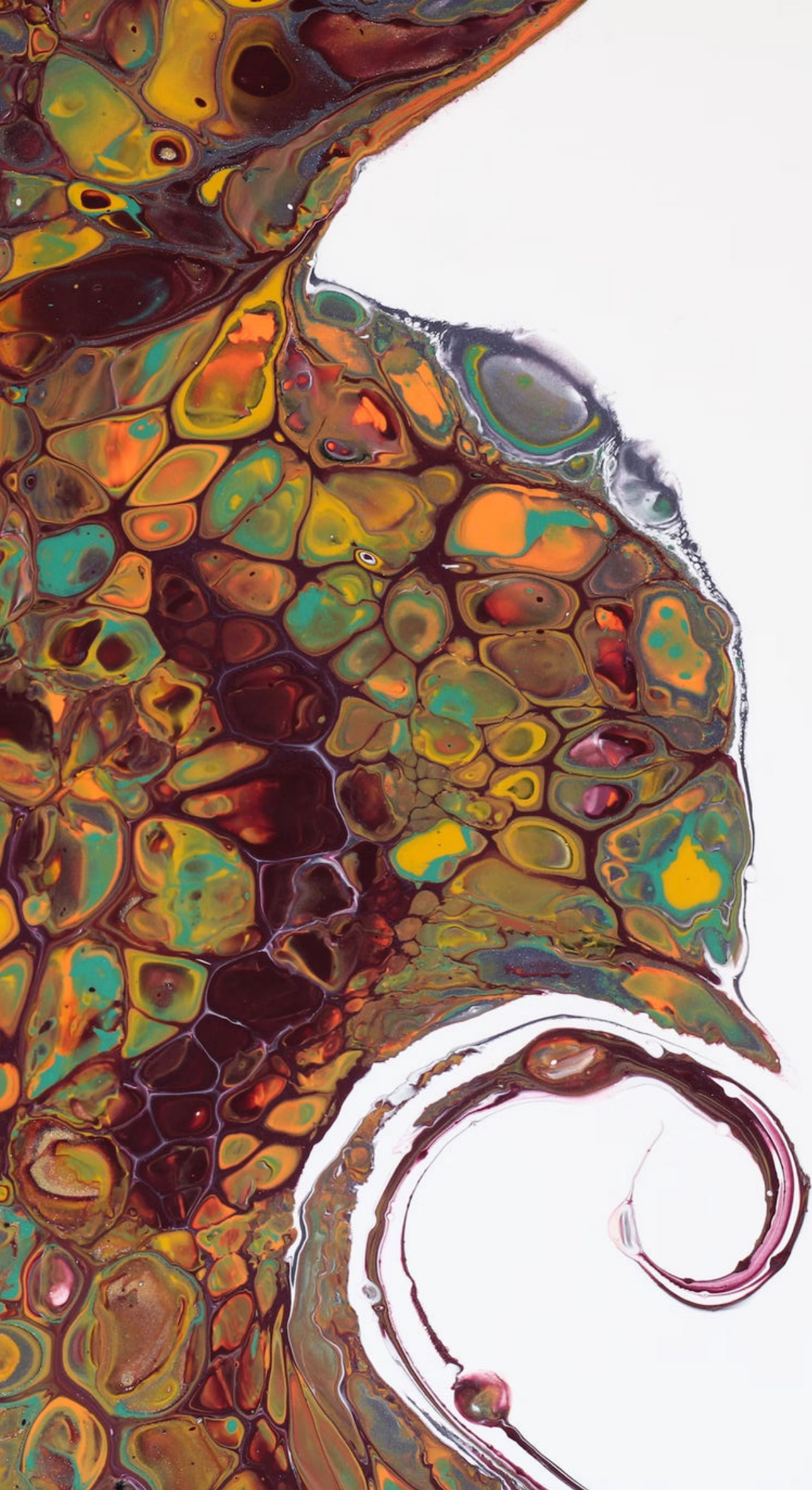
— O senhor aceita tomar café comigo?

Dia 633 – Vencemos a doença, o mal. A vida recomeça sua rotina natural, com as adaptações e cuidados que o momento ainda exige. Marcamos de nos casarmos no mar, durante a volta da Ilha de Santo Amaro, numa cerimônia realizada por um monge canoísta, budista que pertence a um grupo que ela frequenta de remadores de canoa havaiana.

Eu e Ana Alice, dois sessentões, sobrevivemos à pandemia e acredito que termos juntado as escovas, roupa de cama e banho, nossas solidões, lugares à mesa e dividido a conta da padaria, foi primordial para que a gente, principalmente eu, não sucumbisse ao desatino.

Os dias estão repletos de novos significados e o brilho do sol, cobrindo as nuvens de fogo num fim de tarde, se tornou mais precioso que todo o ouro do mundo.

crônicas



“Sua bisa, Vó Nega, era porreta. Sabe o que ela fazia? Quando ia ter filho? Fechava a porta do quarto, falava ‘Todo mundo para fora’. E o povo saía. Ela trancava a porta, ela mesma fazia o parto, ela mesma limpava o sangue da criança – ninguém ouvia... um... pio! Só ia ouvir o choro da criança depois. Vó Nega pegava uma vassoura, esticava o braço, abria a porta: ‘Pode entrar’.

Minha mãe contava essa narrativa sobre a Vó Nega, ora em pé, ora sentada, segurando uma faca de bife em uma das mãos. Na outra mão, uma espiga de milho era brandida, já debulhada.

A franja de mamãe escapava das orelhas, mas só um pouco, e, quando interpretava as falas, encurvava as costas, dobrava o bucho; com os dentes da espiga, ameaçava. Ela se orgulhava. Os anos do passado, os seus heróis de família – eu sentia – nos visitavam para ajudar. Vinham também fiscalizar o evento que é o dia de fazer pamonha. Traz o milho, despalha o milho, descabela o milho, debulha o milho, mói o milho, descalda o milho, cozinha o caldo do milho, monta a palha para a pamonha, faz o amarrio: para enfim mergulhar uma tora de queijo fresquinho.

Se o processo de fazer pamonha for como a vida, digamos que o queijo é a nossa alma. O resto, é trabalharia.

Vários queijinhos nos rondaram ao passo que minha mãe contava. Cada filho, cada neto, genro e nora, e meu pai – o seu segundo marido – a ajudar com alguma coisa. Não é qualquer um que amassa o bagaço de modo a dar um bom, bom, pedaço. Ou, dizendo grosso modo, um pedaço *do bão*.

Eu me pergunto se Vó Nega também fazia a pamonha do mesmo jeito que dava cria – sozinha – mas, mamãe? Ah, ela adora é a coisa da parentada! Para ela, daria à luz no meio da rua, e cada parente a ajudaria puxando um membro da criança para fora. Uma perninha, o narizinho, um bracinho. Esse absurdo que é a sua noção de família.

É filha única, só que às avessas. Um faz-de-conta. Em verdade, é irmã de um menininho que morreu ainda no berço, logo ao nascer, de problema no coração.

Brandindo a faca, nem parece que a sua língua fora cortada à metade, quase arrancada com um murro que seu ex-marido lhe deu.

Nem parece que, quase sozinha, cuidou de três filhos naquele monstro que é a cidade de São Paulo, apanhando, costurando às escondidas para ganhar algum dinheiro que lhe desse independência, outra visão, além da passagem que os levasse de volta para o interior e a salvo do seu marido insano.

Sovando a espiga, lembrava a mulher que desafiou até o Vaticano para conseguir o divórcio, que voltou para a roça, encontrou enfim o seu grande amor e, depois de parir mais dois filhos, jamais sentir-se-ia sozinha de novo em vistas do irmão que o destino lhe tirou.

Gargalhando, assim, até parece a fotógrafa, de roupas cor-de-rosa, que coleciona boneca, que veio do nada e enfrentou de peito aberto o mundo e, com a família nas costas, vence o século XXI.

Acaba de perder um filho (o segundo dos cinco) para uma pandemia imprevista e, no leito de morte dele, desfez-se em prantos ante o corpo de um pedaço seu, que saiu do seu próprio ventre, e que já não tinha mais a sua tora de queijo própria.

Eu sei: somos molengas, tal qual um bolo de milho vestido, de modo que jamais conseguiremos ser como foi Vó Nega. Todavia, a feitura, o processo de tudo isso, é um parto, é duro: traz o filho, despalha o filho, descabela o filho, debulha o filho, mói o filho, descalda o filho, cozinha o caldo do filho, monta a palha para a História, faz o amarrio: para enfim mergulhar nele uma tora de espírito frio.

Nossa mãe é forte. Não venceu o mundo, a violência, a ditadura, o preconceito e o machismo para deitar-se ante um vírus.

Para os seus amigos já despalhados, desencarnados, do outro mundo, hoje Vó Nega brande a vassoura, conta caso, interpreta: “Minha bisneta, Landinha, é porreta. Sabe o que fez? Quando perdeu o filho? Abriu a porta da vida, falou “Todo mundo para dentro”. E o povo entrou. Ela mesma destrancou a porta, ela mesma velou, ela mesma limpou o sangue da alma – então, todo mundo ouviu... um... choro... in...con...ti...do! Não parou o choro nunca mais. Mas, ainda assim, Landinha reuniu a família, expôs o peito aberto, gritou para o mundo: “Pode entrar!”.

PANDEMIA: LEMBRANÇAS E LIÇÕES

Marcelo Vidice Diano

Pandemia ... um termo tão utilizado recentemente. Uma palavra tão terrível, mas não inédita na história da humanidade.

De tempos em tempos alguma epidemia de caráter global surge, dizimando considerável parte da população do planeta.

Desde o tempo dos faraós até o tempo do Rei Luís XV da França, a Varíola, conhecida por nós como “bexiga”, matou ricos e pobres por cerca de três mil anos. A Peste Negra assolou a Europa no século XIV, a Cólera no século XIX, a Gripe Espanhola no século XX, e recentemente a Gripe Suína como primeira pandemia do século XXI.

Com toda essa experiência em pandemias, o ser humano desta vez tentou se defender com o distanciamento social, freando todas atividades das pessoas e aconselhando todos a se isolar em casa.

O ser humano, dizendo assim de uma maneira filosófica, é um ser estritamente social, teoricamente não foi feito para viver em solidão. Porém, neste momento, teve que viver isso. Como resultado dessa inovação se experimentou ansiedade, depressão, crises de pânico, abuso de álcool, insônia e até trouxe à tona a violência doméstica.

A tela da TV se tornou mais interessante que a igualmente quadrangular janela da sala que vislumbrava a rua, desta vez tão sem movimentos externos a se contemplar.

Solidão e mais solidão... o homem se adapta a tudo, inclusive ao caos, mas desta vez as pessoas surtaram... como dizia Sartre: *“Se você tem tédio quando está sozinho, é porque está em péssima companhia”*. Antes tínhamos a impressão que o tempo voava, que a vida era acelerada, mas agora... o tempo não passa...

Uma nova função surgiu para ficar: o “home office”. Durante a pandemia tivemos tempo de sobra para testar se funcionaria, e funcionou. Assim como os cursos “online” ou “EAD”, tão discriminados anteriormente, são agora uma praxe nas universidades como parte do currículo. Surgiu aí o trabalhador, o estudante, com o status de “prenda do lar”.

Mas tem uma característica contemporânea desta malograda situação que notei e tive a oportunidade de conviver: a dos bebês que nasceram durante a

pandemia. Junto dos pais tão isolados, mas separados do resto da família. Primeiro aniversário, as primeiras palavras, os primeiros passos... sem comemoração... sem a presença dos apaixonados avós ... dos curiosos tios e amigos.

E choram os parentes:

— Nossa! Mas ele nem quis vir comigo!

— Sim... está te conhecendo agora.

Pois é. Geração álcool em gel.

Aprenderam a ficar longe de todos e temer todos aqueles seres mascarados, sem rosto, sem sorriso, sem expressão.

Agora... passado o tempo, passado o medo. Voltemos ao normal. Seguir a vida a partir da interrupção. A partir de onde paramos.

Será que conseguiremos, depois de dois anos ?

Me faz lembrar de um caso, muito curioso, que li em algum jornal no final dos anos 1980. O de um senhor alemão de Berlim, Berlim Oriental, que foi devolver um livro na biblioteca do outro lado da cidade. Vinte e oito anos depois ...

—Eu ia devolver no dia certo... mas... construíram um muro no caminho...

Nunca é tarde para recomeçar.

Era mais um belo dia de sol de 2021, mas mal se podia aproveitar, já que o *lockdown* ainda vigorava. Eu andava pela casa, procurando coisas para fazer em meio ao marasmo da prisão domiciliar forçada, enquanto algo também andava dentro de mim: uma pequena pedra de 12 milímetros desprendia-se dos confins do meu rim direito e buscava sair dali a todo custo. Muito infelizmente para mim, ela estava prestes a encarar o *lockdown* frente a uma uretra fininha, e ficaria ali empacando a vida dela – e por consequência, a minha.

Gritei de dor. Suava, rolava no sofá, buscando alguma posição que me deixasse confortável. Eu estava sozinho, e teria que lidar com a situação de alguma forma.

Arrastei-me até o telefone e liguei para o plano de saúde para perguntar qual hospital poderia ser o meu destino. A atendente disse-me, num tom calmo e dissonante com a minha súbita desventura:

— Os hospitais estão todos lotados. O senhor pode tentar ir no setor de Emergências do Hospital X e tentar algum atendimento lá.

Que beleza. Como eu não tinha escolha, acabei por me enfiar em um Uber, que achou por bem contar mil casos terríveis de saúde que ele e a família inteira passaram. Eu ouvi tudo, sofrendo – tanto pela minha dor, quanto pelas histórias em si.

Após uma viagem eterna, chegamos ao hospital e eu logo tratei de me arrastar até o balcão de atendimento. Ao meu redor, dezenas, talvez centenas de pessoas, muitas delas esperando no lado de fora do recinto. Afinal, não se podia ficar em aglomerações, devido ao risco do Covid também estar no meio da galera e querer sair abraçando todo mundo.

Ao ver meu estado, a recepcionista logo me atendeu. Perguntou:

— O que o senhor tem, Seu Estrangeiro?

E eu respondi, em meio a gemidos:

— Cólica renal, de pedra no rim.

Ela então foi pegando meus dados pessoais e abrindo o registro de atendimento. Fui levado à triagem, onde a enfermeira novamente me perguntou o que me afligia naquele agradável começo de tarde. E eu, novamente:

— C-Cólica renal, de pedra no rim.

Amarrou-me então um fitilho amarelo no braço: era o sinal de que a situação era digna de certo alerta. Então voltei à recepcionista, que me disse:

— Agora, o senhor só precisa pegar esta pastinha aqui e seguir a faixa azul até lá embaixo. Lá, o médico vai chamar você.

Peguei minha pastinha azul e fui mais uma vez me arrastando, por cima da faixa da mesma cor da pasta. Desci alguns lances de escada meio sombrios e ermos, e cheguei ao que parecia ser o subsolo do hospital.

“Estranho”, pensei, ao ver o que parecia ser o lugar mais obscuro do prédio. Era mesmo o subsolo – um corredor estreito com bancos e cadeiras – e estava repleto de pessoas relegadas ao espaço apertado. Havia algumas portas de possíveis consultórios, mas no geral, era ali um corredor de espera.

Como eu não estava em condições de tecer muitas reflexões sobre as condições do lugar, sentei-me em um dos bancos e tentei ficar quieto, curvado sobre mim mesmo com as pontadas violentas da dor em minhas costas, que se espalhavam para as pernas.

Nas poucas vezes em que eu conseguia levantar a cabeça e abrir os olhos, entre uma pontada e outra, eu via mais detalhes do corredor. Havia ali muitas pessoas que estavam sem máscaras, tossindo. Outras, traziam máscaras no rosto, e estavam largadas nos bancos, quase desfalecidas. Outras, ainda, carregavam nas mãos sacolas com um verdadeiro coquetel de medicamentos.

De todos os detalhes, a tosse era o que mais me incomodava. A maioria dos presentes ali estava tossindo muito, então eu só pedi a Deus que minha máscara desse conta de me proteger – afinal, poderia haver ali um paciente com Covid, ou talvez dois. Só o fato de eu estar no hospital, em plena época de mortes de centenas ao dia, já era quase que um atestado de contaminação, então eu precisava de muito apoio divino pra sair dali só com a pedra ou restos dela.

— Senhor Estrangeiro!

De repente, ouvi meu nome sendo chamado por um médico rechonchudo que devia ter seus vinte e poucos anos. Ele estava de máscara e usava paramentos verdes, que casavam bem com a pele clara e os cabelos encaracolados ruivos. Levantei-me e logo me pus dentro da saleta da qual ele veio.

Lá dentro, ele me recebeu com cortêsias:

— E aí, Seu Estrangeiro? Como vai essa Covid, hein?

Eu respondi:

- Covid? Não, meu caso não é Covid.

O médico pareceu levar um choque. Os olhos se abriram, as sobrancelhas se franziram, e uma voz desesperada escapou da boca dele:

— Como assim? Você não tem Covid?

E eu, já começando a franzir as minhas sobrancelhas também:

— Não. Eu tô com cólica renal, por pedra no rim. É uma pedra de 12 mi...

Antes que eu pudesse completar, o médico me interrompeu:

— Mas quem orientou que você descesse aqui?

Agora, até as minhas sobrancelhas estavam franzindo as próprias sobrancelhas. Respondi:

— Ah, f-foi a moça na recep...

Outro corte bombástico se seguiu:

— MEU DEUS! Não, mas que loucura é essa!?! Eles mandaram o senhor aqui pra baixo?? Aqui é a **ALA DO COVID!**

Com essa revelação, eu quase perdi todos os pelos das sobrancelhas. Fiquei catatônico pelo que me pareceu uma eternidade, e o doutor logo me pegou pelo braço e disse:

— Isso está muito errado! Outra vez mandaram paciente aqui pra baixo! Vem comigo, vamos lá pra cima, e já!

Ordem dada, ordem acatada. Saímos ambos correndo pelas escadas em direção à recepção. O médico me pediu então que ficasse em um corredor aguardando, enquanto ele seguiu para o balcão de entrada e despejou todas as palavras mais escabrosas como uma tempestade que cobriu todos os recepcionistas, dizendo como aquilo era um erro gravíssimo e que eu poderia já estar contaminado, tendo sido enviado à ala errada.

Naquele momento, a dor da pedra pareceu desaparecer – talvez ela tenha se assustado com tudo o que eu estava passando e resolveu oferecer a mim uma trégua. O médico logo retornou, e antes de descer para a ala do Covid, pediu-me desculpas e disse que eu logo seria atendido de forma adequada.

E assim foi. Em pouco tempo, eu estava numa sala de dois metros quadrados com outros pacientes, tomando soro e analgésico dos bons na veia. Tiraram-me sangue, fiz xixi no copinho, e fiquei aguardando o resultado dos exames.

Cerca de duas horas depois, ainda aguardando, deparei-me com o doutor encaracolado conversando com uma senhora:

— Então, eu não posso mentir pra senhora e dizer que ele vai melhorar. Pode ser que melhore? Sim, pode ser, afinal, ele agora está no oxigênio. Acontece que a saturação dele ainda está em 80, e parece não estar aumentando.

— Ai, doutor... – lamentou a senhora – o que dá pra fazer nesse caso?

— Infelizmente, nesse caso, só esperar.

Isso encerrou a conversa deles, então ele se virou e deu de cara comigo. Eu senti que precisava ser humano naquele momento, em reconhecimento ao baita ser humano que ele era:

— Doutor, oi.

— Ah, oi, Estrangeiro! E aí, já te medicaram?

— Já, já sim. Eu só queria agradecer. O senhor provavelmente salvou a minha vida, doutor.

— Que isso... O senhor estava lá embaixo, então tinha que tirar você de lá, né? – ele declarou, risonho.

— E agradeço pela sua humanidade. Tratar dos pacientes e dos familiares deve ser algo que eu nem consigo imaginar. Muito obrigado pela sua dedicação. Você fez a diferença pra mim, e faz pra todos os outros também. Você é um herói sem capa mesmo.

Aí, ele ficou sem saber onde escondia o rosto, envergonhado.

- Que isso... Se precisar de qualquer coisa, pode falar, viu?

Agradei mais uma vez, e logo ele desceu para continuar a labuta. Arriscando a própria vida e o prospecto de estar vivo para vir a ter uma carreira médica de muitas décadas, ele estava lá diante de centenas de pessoas contaminadas, e não deixava se abater. Sabia que quando ele caísse, muitas vidas poderiam ser ceifadas pelo inesperado inimigo invisível. Ainda assim, fez jus ao juramento da graduação e entregou a vida em prol da vida do próximo.

Há quem ouça esta minha crônica e me pergunte por que eu não cheguei a processar o hospital por terem me encaminhado à ala do Covid. Eu poderia, e provavelmente seria uma causa ganha, pois havia câmeras em todos os lugares.

Mas eu não quis. Assim como o doutor salvador estava 200% entregue naquele dia, a recepcionista e os outros funcionários também estavam. A moça que me

atendera provavelmente estava quebrada pela intensidade da onda de doença e morte, e sim, cometeu um engano. Diante da força de ter acordado cedo naquele dia para ir encarar mais uma jornada que possivelmente selaria seu destino junto a coroas de flores em um enterro rápido sem a presença de familiares, aquele engano não tinha força nenhuma de me deixar indignado.

Ela fora humana – e uma baita humana. Então aceitei e pedi a Deus e aos criadores da máscara N95 que eu não recebesse nenhum diagnóstico positivo nos dias que se seguiram.

No fim das contas, ao fazer o balanço geral do macabro evento: não fui contaminado. Ganhei mais apreciação e esperança pelos médicos e funcionários jovens, pois, em meio à pior desumanidade do início deste século, eles foram humanos.

Por isso não contaminei os funcionários do hospital com minha ira e o litígio doloroso. Se eles foram humanos, por que eu mesmo não o seria?

Assim seguimos nós, os envolvidos, com a fé de que dias melhores viriam.

E não é que vieram?

Memórias da pandemia: perdas, superações e solidariedade

Jefferson Costa Machado

Estava na casa dos meus pais quando assisti uma manchete na TV, de uma epidemia na China. De repente começou a tomar conta dos noticiários. Mas estava tão longe, que nunca imaginei que aquilo fosse nos atingir. Quando percebi, já chegava à Europa. Lembro das mortes em massa na Itália que assustaram todos da minha família. Aqueles caminhões desfilando, cheios de corpos, deixou todos assustados. Não demorou muito para que aquela epidemia se tornasse uma pandemia e chegasse ao Brasil. Mas de certa maneira ainda estava longe, o primeiro caso foi no sudeste do país e eu estou no norte. O governador ainda tentou fechar o aeroporto, mas adivinhem só? Apenas poderia fechá-lo com ordem do Governo Federal. E se era para piorar, além de uma pandemia com um vírus mortal, nós tínhamos um Presidente da República, negacionista, que arrastou milhares de pessoas para a morte. Boicotou, minimizou, até inventou uma tal de Cloroquina. Na minha cidade, Belém, não demorou muito para o vírus chegar. Todo mundo de máscaras, álcool nas mãos e isolamento. Claro que essa última regra servia apenas para a elite, pois para a classe trabalhadora era impossível. O assalariado levanta cedo, pega coletivos lotados e mora, muito das vezes, em casas com até 10 membros. Onde pode existir isolamento? A pandemia veio também para escancarar as desigualdades sociais.

E quando percebi, a doença chegou tão perto de mim que começou a levar vizinhos, conhecidos, parentes e amigos. A feirante que sempre me recebia com um belo sorriso e até me dava alguns cachos de bananas, no outro dia não veio mais, estava internada e em alguns dias faleceu. Certo dia o telefone em casa tocou, era meu tio, que estava internado. Minha prima disse estar bem - acreditei. Uma semana depois, não aguentou a entubação. Já na outra semana chegava mensagem no celular, meus primos do interior estavam também internados. Aquela minha prima, sorridente e alegre, divertida, que adorava futebol, não estava mais entre nós, a covid a levou. Ainda tinha mais dois parentes internados. Até meu irmão, que negava a doença, se internou e ficou à beira da morte. Passei uns dias com ele no hospital e vi pessoas morrendo. Um lugar horrível, que não desejo para ninguém.

Certa manhã acordei mal, uma febre e dores por todo o corpo, uma tosse que, de tão forte, cospia sangue. Papai e mamãe também ficaram acamados. Confesso a

vocês que eu senti que ia morrer porque, para mim, era só uma questão de tempo que ela viesse me buscar. Aquela doença, que parecia estar tão longe nos noticiários, atravessou o globo e me abraçou.

Aí vocês devem se perguntar: por que não fui ao hospital? Estavam todos lotados. Agora os jornais anunciavam que em Manaus, uma das maiores capitais da Amazônia, faltava oxigênio. Lembram daquele Presidente louco que comentei? Pois é até isso ele negou. Até a vacina ele boicotava, fez de tudo para não comprar. Comentou que quem tomasse poderia virar jacaré. Deixe-me contar uma coisa: tomei e não virei. Veio a primeira, veio a segunda onda da Covid. E hoje estou aqui para contar a história e lembrar de todos que não conseguiram chegar até em 2023. Mas todos eles estão vivos em minhas lembranças e eternos em minha memória.

O SAPATO

Ana Paula Azevedo

Remexendo em alguns textos antigos me deparei com um relato que fiz no ano de 2022, ainda no final da pandemia:

“Tenho um ritual quando chego em casa. Coloco os sapatos na lavanderia, desinfeto a sola com álcool e deixo lá por um tempo. Lavo as mãos. Depois desinfeto a bolsa com álcool e os objetos que usei. Coloco a roupa para lavar e tomo banho. Mantenho esse ritual desde o início da pandemia. Às vezes acumula mais de um sapato na lavanderia. O tênis utilizo para andar por aqui, ir ao mercado, caminhar, resolver problemas por perto. Tem o sapato que uso para trabalhar, quando vou presencialmente uma vez por semana e o que na maioria das vezes uso para sair. É aquele sapato bonito e confortável que serve tanto para ir ao barzinho com os amigos, a uma exposição, ao cinema...

Durante dois anos, devido à pandemia não saía, pois vivo com minha mãe que é do grupo de risco. O encontro com os amigos era virtual, por Skype. O trabalho era remoto, em casa. Os colegas de trabalho só ouvia ou via por vídeo durante as reuniões pelo Teams. No tempo livre me distraía vendo filmes e séries. A minha única companhia era minha mãe e a única companhia dela era eu. Não tinha concentração para ler nesse período.

O único sapato que ocupava minha lavanderia era o tênis que usava aos sábados para ir à feira, mercado e farmácia. Eu, que nem gostava de fazer compras, comecei a adorar, pois esse passou a ser meu evento de final de semana. Via a rua, o sol, as pessoas...

Hoje vi que o sapato que lá estava era o que mais uso para sair. O que usei para ir à festa de confraternização com os colegas de trabalho. Aqueles que, devido ao trabalho na maior parte do tempo remoto, nem sempre acabo vendo pessoalmente. Com a confraternização consegui ter aquela conversa informal, de saber como o outro está, o que vem fazendo. Aprender com as histórias do outro, mesmo que não sejam relacionadas com o trabalho.

Também usei esse sapato para ir a um barzinho com os amigos. E lembrei que o olho no olho não tem preço.

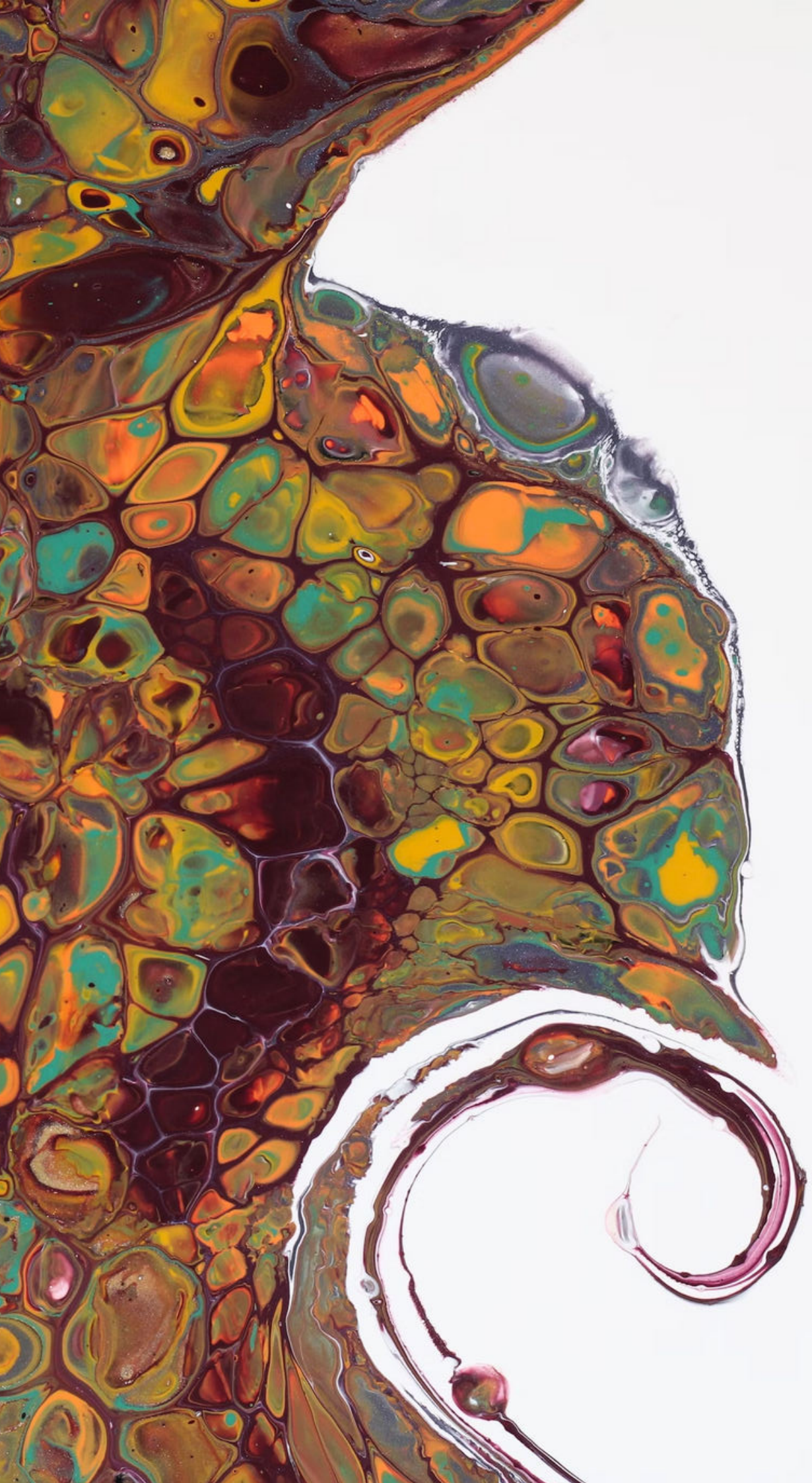
E para ir à Pinacoteca, que há muito tempo não ia. Ver aqueles quadros ao vivo, aquele espaço amplo. Bem melhor do que fazer passeios virtuais por museus.

Também usei para levar minha mãe ao show da Orquestra Jazz Sinfônica. Um show gratuito no Memorial da América Latina. Ver a felicidade dela de estar saindo, ouvindo aquelas músicas que gosta ao vivo, vendo gente, foi uma sensação maravilhosa.

Não são grandes eventos, grandes festas ou passeios que fazem tudo isso especial. Mas as pessoas, o contato e o poder olhar ao redor. Quando olho para aquele sapato penso que, apesar de ainda usar máscara uma boa parte do tempo e de todo o ritual quando chego em casa, as coisas aos poucos estão voltando ao normal.

A pandemia finalmente acabou e hoje mais do que nunca sei que o que torna a vida especial é o contato com outro ser humano.

**p
o
e
s
i
a
s**



MINHAS VISÕES DA PANDEMIA

Décio Araújo Filho

Fez-se noite das mais tenebrosas,
Tempestuosa, com trovões a ribombar
Sinistros, pelo correr dos raios
e coriscos no trevoso zimbório,
Quais lamparinas iluminando a fé
De cada um, que mesmo fortalecida,
Dava mostras, naquela hora, de fraquejar.
Os sonhos foram às carreiras para remotas terras,
Ocultos em ignotas serras de que nunca ouvira falar;
Lugares onde apesar das buscas infindas
Tão só há pouco ainda eu os pude encontrar.
Ânsia extrema assumira, da paz, o seu lugar,
No cavalgar dos meus infrenes pensamentos
Como loucos, desvairados e sem nortes,
Alcançavam a vastidão das dores fortes,
Penosas e espinhosas pelo partir de tantos amores,
Até o seu estancar em lúgubres segmentos
Dos vales insones de mortes e sofrimentos.
Volitando veloz, muito além da ligeirice da luz,
Célere seguia a visitar os hospitais e unidades,
Entrava nas ambulâncias, seguia macas e junto a leitos,
Este peito, Ó Amigo dos lazarentos,
Transmutara-se em celeiro purulento
Onde os medos dos enfermos refletiam
O terror da certeza quase mortal.
As aflições e agonias dos amigos, familiares,
Estupefatos, extáticos, atormentados, afinal;
Médicos, enfermeiros e os auxiliares
Ante a incapacidade humana de curar
Consumiam-se na exaustão física e emocional;
Crianças choravam os seus finados pais,
Estes soçobravam ante a morte de filhos,
E neste ir e vir de temor inigualável, abismal:
Casais destruídos e almas arrasadas
Bailavam a valsa dos amplos horrores
Pelos salões da humanidade massacrada;

Inexistiam em toda Terra redutos
Onde não se via sombras, choros e lutos
Todavia, Ó Médico dos aflitos
Pude escutar sentidas preces, rogativas,
Orações e muitos louvores,
Como belos cânticos em oferenda
Tais coroas ornadas de flores.
Naquelas matas cerradas dos dissabores,
Ouvi repetidos rogos pelo vosso carinho
Pelo perfume da tua intercessão;
Ramagens coloridas pelas estéreis paragens
Senhor, a Ti endereçadas
Em vários cantos, como homenagens
eu vi, pelas muitas bênçãos alcançadas.
Minha visão abarcava o orbe inteiro
Do Ártico à Antártida muito além da Patagônia
Das praias caribenhas à África Saariana,
Seguindo a Ibéria até as tundras da Sibéria,
Partindo da China até as matas da Amazônia,
Foram tantos os lugares que eu visitei!
Parecera-me tornado como um louco varrido
Com tantos pensamentos enrodilhados,
Até destrambelhados os sentidos
Por tudo o quanto eu presenciei.
E a minha esperança?
Ah, a esperança jazeu ao chão
Estirada em decúbito ventral, inanimada,
Bem ao lado do meu colchão.
Eu desejei me deitar ao seu lado,
Embalado pelo desejo macabro
De estar a ela aprisionado
Pelo menos por uma mão, mas não!
Deixei-me pelo horror ser levado
Aos campos letargos da prostração,
Asfixiado, paralisado, amedrontado,
Em um fio sustido, embora por segura negação;
No auge da paradoxal apatia,
Suave brisa me envolve a mente afogueada
Como sopro de mãe em ferida de filho
A qual ela mesma tornou curada;

Ergui-me, então, poderoso, a vastas alturas
Muito além do Everest e, num segundo,
Libertara-me das clausuras produzidas
Pela maldade dessa rude humanidade;
Repetidamente uma voz doce e pura,
Bela e irradiante tal o Cruzeiro do Sul,
Com firmeza se fez pronunciar das alturas:
Filho meu, veja a Terra lá embaixo.
O que percebes? Que vês com teu olhar?
Confuso, firmei a visão e disparei: é azul!
Sim, de fato. Mas, veja além das cores,
Atente bem, além de todas as dores.
Junto aos homens que vês? Que percebes?
Enxerga com os olhos da tua alma
A verdade calmante que impõe seguir avante.
Nova brisa atinge e renova as vistas mareadas,
Num átimo outro universo se descortina!
Nada vira assim em essência e agora, por Deus,
Tudo se fizera luz a este vivente alucinado,
Pelas trevas da sua incomparável indignância,
Se habituar tardou à novel situação.
Amigos, ante tudo o meu único desejo,
Era tudo observar em minúcia e nada esquecer,
Para em versos, neste poema, lhes explicar.
Eu vi lares, hospitais, UTI e outros leitos,
Mansões, palafitas, barracos, tugúrios,
Malocas, taperas e amplos refúgios
Sob o amparo das legiões do Cordeiro;
Seres bondosos, dedicados, a garantir renovação
Das forças exíguas dos médicos e enfermeiros;
Eu vi os Anjos Guardiães protegendo e envolvendo
Com desvelado amor e carinho, o eleito do seu coração,
Como também múltiplas equipes da Medicina do Além
Agindo incessantemente em nome do Eterno Bem,
Aplicando fórmulas eficazes e de formas bem diferentes
Proporcionando, nos hospitais, sem número de curas,
Atuando onde as drogas e humanas terapias
Jamais alcançavam nos corpos dos pacientes.
A Terra inteira se transformara em campo protegido
Sob a guarda do Ungido e na qual Amor houvera renascido

Mesmo naquelas almas ainda mais endurecidas.
O Senhor não virá, eu vi, já está, é real, mas escondido,
Desde algum tempo voltou e jamais se ausentará,
Trouxe em si de novo sua doutrina e o bálsamo das feridas
De uma maneira que este planeta jamais imaginou;
Desamparado ou desassistido, ninguém restou só,
Todos consolados, em paz recebidos e amparados
Por Aquele que mais e sempre os amou.
Fixo às visões imaculadas não percebi a linda aurora
Naquela manhã despontada, iluminada
Pelas esperanças redivivas nas visões da pandemia.
Esta Terra, nossa guarida nas rotas da evolução,
Jamais fora desprotegida, alicerce da Nova Jerusalém,
Pois a Vida tem seus comandos para aprendermos a amar;
Pelas lições abençoadas das dores ou ainda também
Nas veredas iluminadas do Bem, construímos a redenção,
Serviço pessoal no transitar dos milênios
Pelo esforço contínuo, diário, sem interrupção:
Avante para o Alto, pelo Belo e por Amor.

TECENDO O AMANHÃ: LIÇÕES DA PANDEMIA

Davi Rodrigues de Sousa Javarini

Nas lembranças da pandemia, um desejo arde,
De voltar ao tempo antes, ao mundo em que alarde
Era apenas um conceito distante, esquecido,
Onde a vida seguia seu curso, sem ter sido ferido.

No deleite de abraços, no calor do olhar,
Na devoção aos afetos, sem medo de se encontrar,
A diversão era simples, o toque era mágico,
Hoje, um distante sonho, um passado trágico.

No deslumbramento das ruas vazias e quietas,
Na decisão de lutar, com máscaras e receitas,
A determinação era nossa bússola, guia segura,
Enfrentando a tempestade, buscando a cura.

A delicadeza de um sorriso, agora oculto,
O desprendimento de amar de um jeito mais culto,
O discernimento de valores, antes esquecidos,
Revelou-se no caos, em momentos compartilhados.

No desenvolvimento da solidariedade, encontramos esperança,
Na dedicação dos heróis, a força da bonança,
E assim, as reminiscências da pandemia nos guiam,
A buscar um mundo melhor, onde todos se unam.

Em meio à tempestade, aprendemos a lição,
Que a vida é frágil, mas persiste a paixão.
No meio do medo, a coragem se fez presente,
E a humanidade mostrou sua força, forte e ardente.

O despertar da empatia, um tesouro raro,
Na solidariedade encontramos um amparo,
Através da dor, surgiu a compaixão,
E assim, vimos crescer um novo coração.

O desprendimento de velhos preconceitos,
Fez nascer um mundo com menos defeitos,
Onde o respeito e a igualdade são a direção,
Guiando-nos na busca de uma nova nação.

No deslumbramento das noites estreladas,
Encontramos a esperança em almas iluminadas,
Através da escuridão, avistamos a luz,
E descobrimos que juntos, somos mais produz.

Nas decisões que tomamos, moldamos o futuro,
Com sabedoria e amor, seremos mais seguros,
E assim, nas lembranças da pandemia, encontramos a razão,
Para construir um mundo melhor, com união.

Na jornada árdua da pandemia, a história se traça,
Com momentos de tristeza, mas também de graça.
Aprendemos a importância da perseverança,
E a resiliência como força, como herança.

A devotada ciência se desdobrou em pesquisa,
Em busca da solução, da cura que enriqueça.
E nesse empenho incansável, encontramos alívio,
Na esperança que se renova, num gesto de apreço.

No silêncio das ruas, na solidão da quarentena,
Descobrimos a beleza de uma vida mais serena.
Na simplicidade das coisas, na introspecção,
Aprendemos a valorizar cada conexão.

No desenvolvimento da tecnologia, da conexão virtual,
Mantivemos laços, fortalecemos o nosso cabedal.
A distância física, mas a proximidade da alma,
Mostrou que o amor e a amizade são nossa calma.

Na determinação de enfrentar o que vier,
Encontramos forças que não sabíamos possuir.
E assim, as reminiscências da pandemia nos lembram,
Que juntos podemos superar qualquer problema.

Ainda que o passado tenha sido cheio de provação,
No presente e no futuro, temos a solução.
Com sabedoria, amor e resiliência como guias,
Construiremos um mundo melhor, cheio de alegrias.

Nas reminiscências da pandemia, encerro meu poema,
Um tributo à humanidade, à sua força extrema.
No calor da empatia, no abraço da compreensão,
Encontramos o caminho para uma nova redenção.

Aprendemos a valorizar a vida, a amizade, o perdão,
E na adversidade, despertou-se a nossa gratidão.
Que cada lembrança nos inspire a ser melhores,
A cuidar do mundo e de todos os seus valores.

Que o deslumbramento das estrelas nos guie adiante,
Na busca constante por um mundo mais brilhante.
Com amor, solidariedade e união como estandarte,
Vamos transformar o amanhã em uma arte.

Que as marcas da pandemia sejam cicatrizes de amor,
Que nos lembrem sempre do que é mais precioso, com fervor.
E que, no fim de tudo, possamos sorrir com emoção,
Por termos construído um mundo de paz e redenção.

VERSOS ISOLADOS

Gustavo Washington Sousa Silva

Nas entranhas do tempo e da memória,
Onde a vida teceu seus fios invisíveis,
Crescem versos, num manto de saudade e glória,
No refúgio das lembranças indeléveis.

Na solidude forçada, olhos no horizonte,
Os dias se alongaram, pausas inesperadas,
E ali, entre trilhas e montes,
Encontrei a beleza nas coisas mais recatadas.

Lá, onde o vento sussurrava histórias antigas,
No silêncio das rochas e da mata densa,
O eu em mim se perdia nas intrigas
De um mundo que não se lembrava de sua essência.

Nas recordações da pandemia, no passado distante,
Os laços virtuais teciam nossas redes,
Numa busca pela conexão constante,
Que o isolamento nos impôs, sem ideia clara.

Mas na distância, descobri o encontro comigo,
Com a natureza que sempre esteve ali presente,
Nas cores, nos cheiros, no abrigo,
Dos caminhos escondidos, na beleza reluzente.

Em meio às incertezas, na reclusão forçada,
Aprendi que a vida é uma canção singela,
Que no coração, na alma, é entoada,
Com versos isolados, poesia que resplandece na janela.

E agora, enquanto o tempo desliza sem pressa,
Percebo que a vida é um eterno encanto,
No coração, a saudade se entrelaça,
Com vestígios de momentos que nunca se quebram.

RENOVAÇÃO NAS LEMBRANÇAS DA PANDEMIA

Jean Javarini

Nas lembranças da pandemia global, eu vejo
As recordações de um tempo de incerteza e medo.
Memórias de um surto pandêmico que se espalhou,
Uma crise de saúde que o mundo enfrentou.

Evocações de isolamento e distância,
Lembranças do passado, uma retrospectiva da esperança.
Flashbacks de máscaras e álcool em gel,
Reflexões sobre como o mundo mudou de um só papel.

A memória vaga das ruas desertas,
Saudades de abraços, encontros e festas.
Pandemia mundial, ameaça generalizada,
Uma doença que de repente se propagou, sem aviso prévio, sem nada.

Enfermidades que afetaram todos os cantos da Terra,
Espalhamento em larga escala, a humanidade em guerra.
Mas também vemos heróis, profissionais da saúde,
Que lutaram incansavelmente pela nossa virtude.

Nestas lembranças da pandemia, aprendemos a valorizar
A importância da solidariedade, do cuidado a se dar.
É hora de lembrar e honrar o que passou,
E construir um mundo mais forte, onde a esperança seja o que ficou.

Em meio a essas reflexões, erguemos a voz,
Para enfrentar as tempestades, não importa o algoz.
Pois da pandemia, colhemos também lições,
Sobre resiliência, união e novas visões.

A pandemia nos mostrou nossa vulnerabilidade,
Mas também nossa capacidade de adaptabilidade.
Com lembranças do passado, seguimos em frente,
Com a força das memórias, tornamos nossa jornada resiliente.

Lembramos daqueles que perdemos no caminho,
Com saudades no coração, mantemos seu carinho.
Nossos heróis de jalecos e máscaras, incansáveis na lida,
Enfrentaram a ameaça com coragem e vida.

Na pandemia mundial, encontramos solidariedade,
Em meio à infecção generalizada, nossa comunidade.
Nossas evocações nos lembram que somos um só,
Um mundo unido, enfrentando qualquer furacão.

Assim, com as lições da pandemia, marchamos adiante,
Com a esperança como guia, não é suficiente apenas ser vigilante.
Nossas memórias, nossas reflexões, nosso amor,
Nos conduzirão a um futuro melhor, mais brilhante, com fervor.

Nas lembranças da pandemia, encontramos coragem,
Diante da tempestade, não vacilamos na viagem.
As marcas da crise de saúde, em nossos corações,
São cicatrizes que nos unem, são nossas lições.

Nossa memória vaga de tempos sombrios,
Mostra que somos mais fortes, somos guerreiros.
Pois enfrentamos a propagação de doenças em larga escala,
Com determinação e respeito, nossa história não se iguala.

Nossas evocações nos ensinam a importância da vida,
A pandemia, uma ameaça, mas também um alerta e acolhida.
Em meio às enfermidades, encontramos nossa humanidade,
Na solidariedade, na empatia, na unidade.

Na retrospectiva da pandemia, não podemos esquecer,
Das vidas perdidas, das batalhas que tivemos que vencer.
Mas também celebramos o amor que nos sustentou,
A esperança que nasceu e nos inspirou.

Enquanto seguimos adiante, com as memórias a nos guiar,
Juramos construir um mundo onde possamos prosperar.
Com as lições aprendidas, e o amor como lança,
Superaremos qualquer desafio, qualquer bonança.

Nas memórias da pandemia, encontramos um caminho,
Entre lágrimas e sorrisos, o nosso destino.
Nossos corações forjados na crise e na dor,
Nos mostram que somos mais fortes do que imaginamos, com fervor.

O surto pandêmico nos fez repensar,
A importância de viver, de amar e cuidar.
Cultivaremos a gratidão por cada novo dia,
E seremos uma força de esperança, que a todos contagia.

No horizonte, vislumbramos um novo amanhã,
Onde a solidariedade e o respeito são a lança.
Com as lembranças da pandemia, no coração,
Construiremos um mundo melhor, em união.

Pois as memórias nos lembram da nossa humanidade,
E das batalhas vencidas com resiliência e bondade.
Assim, com a pandemia como nossa mestra,
Seguimos em frente, rumo a um futuro que se celebra.

O PÓ DAS CERTEZAS (ÀS VÍTIMAS DA COVID-19)

André Luís Soares

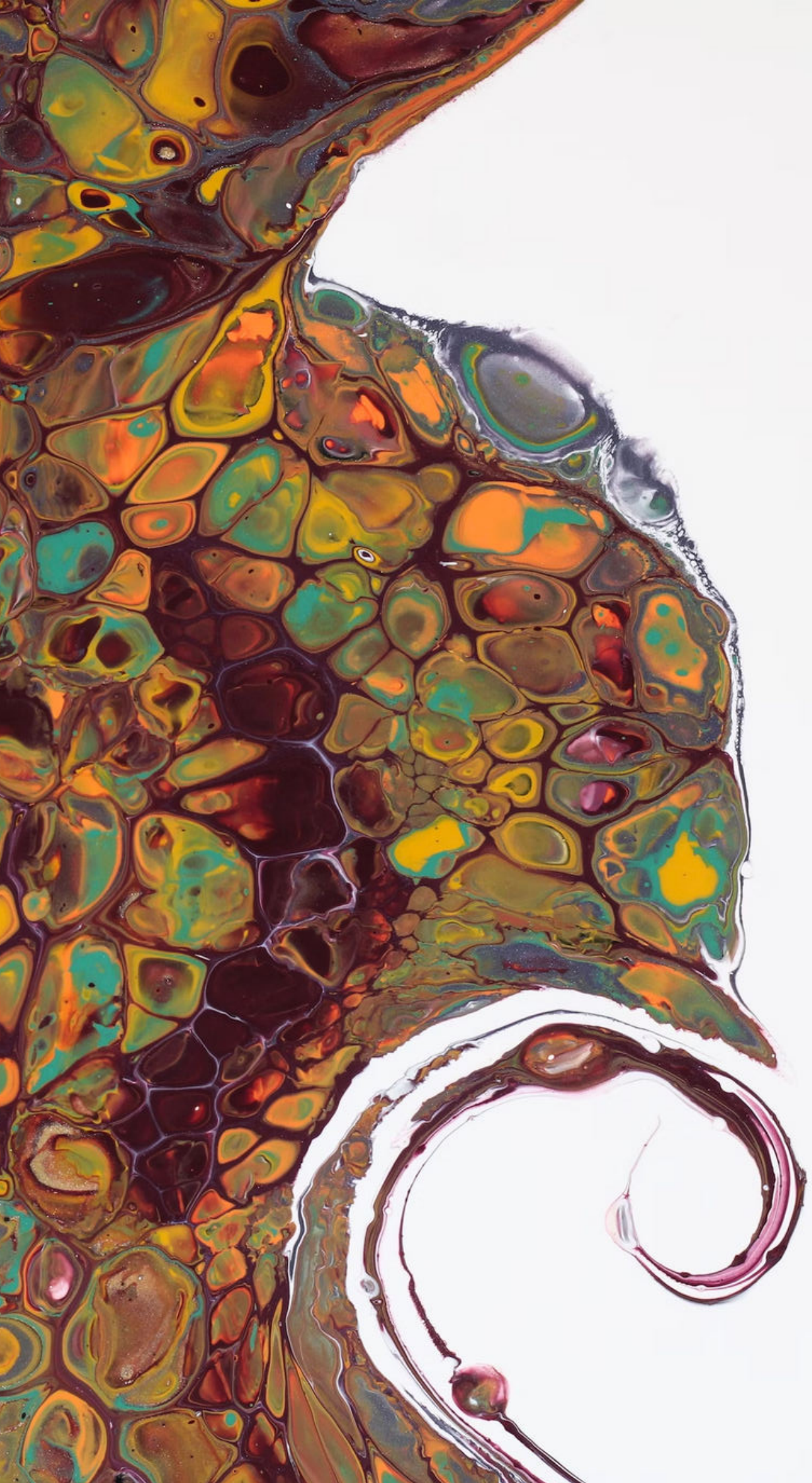
É difícil aceitar
o vazio e a demora,
desses dias cinzentos,
tingidos de medo
e palavras suspensas,
onde novas angústias
se agigantam à garganta,
ao passo que os olhos
deságuam torrentes.

O que fazer dos sonhos
se sonhar já não basta
e a melhor das apostas
é só um tiro no escuro
contra o vento indomável...
De que vale a razão
se nos umbrais da cidade
já se ouvem os canhões
do inimigo invisível.
Como se não bastasse
lá se foram os abraços,
já não se vêem sorrisos
e o calor de outrora
converteu-se em distância.

É injusto somar
tanta falta de sono
nessas noites infindas
à sombra da fome
e manhãs improváveis,
quando toda a astúcia
se rende ao quebra-cabeça,
pois, o que há por enquanto
é só o pó das certezas.

Mas se alguém perguntar,
nesse instante, de agora,
onde está a esperança?
É um vislumbre de sol
– em qualquer fim de tarde –
entre o rio e o mar,
com crianças brincando
por entre lindos jardins
sob um céu tom lilás
na Rua da Aurora.

crônicas



VIDA NA PANDEMIA COVID-19

Miguel de Souza Cardoso

Era uma vez uma rotina tranquila, onde a agitação da vida cotidiana seguia seu curso sem grandes percalços. As pessoas se encontravam nas ruas, nos cafés, nos parques, compartilhando risos e histórias. Mas, então, chegou um intruso invisível, que viria a transformar tudo - o COVID-19.

A pandemia da COVID-19 nos fez repensar tudo o que sabíamos sobre a vida. O mundo parou. Lojas fecharam, ruas esvaziaram, e as casas se tornaram refúgios em tempos incertos. O distanciamento social tornou-se a norma, as máscaras cobriram nossos sorrisos e o toque humano se tornou um bem precioso.

No início, a incerteza nos abalou. Como lidaríamos com essa nova realidade? As escolas se transformaram em salas virtuais, e o escritório se instalou na mesa da cozinha. No entanto, à medida que as semanas se transformavam em meses, uma incrível resiliência emergiu.

As famílias se reuniram em torno da mesa de jantar, redescobrimo a alegria de cozinhar e compartilhar refeições juntos. A tecnologia, muitas vezes vilã da conexão humana, nos aproximou. Videochamadas nos permitiram "estar presentes" em momentos importantes, mesmo a milhares de quilômetros de distância.

A criatividade floresceu em quarentenas e isolamentos. As pessoas começaram a pintar, escrever, cozinhar, aprender novos idiomas e instrumentos musicais. Os jardins floresceram, e o ar ficou mais limpo. Observamos estrelas à noite, redescobrimo a beleza do mundo natural.

A solidariedade cresceu com vizinhos, ajudando uns aos outros, e comunidades inteiras se unindo para apoiar os mais vulneráveis. Os profissionais de saúde se tornaram heróis, enfrentando o perigo diariamente. A busca por uma vacina tornou-se uma corrida global, demonstrando que, apesar das fronteiras, estamos todos conectados na busca pela saúde e pela cura.

E assim, nesse turbilhão de desafios e aprendizados, encontramos uma nova forma de viver. Uma vida onde a compaixão e a empatia guiaram nossos passos. Uma vida onde a resiliência e a criatividade floresceram. Uma vida onde aprendemos que, mesmo em tempos sombrios, a luz da esperança brilha mais forte quando juntos nos erguemos.

A pandemia nos forçou a uma pausa, mas também nos lembrou da beleza das coisas simples e da força da comunidade. E, enquanto seguimos em frente, que essas lições sejam nossos guias para um futuro mais compassivo e unido, onde a vida pós-pandemia seja verdadeiramente transformadora.

UMA PANDEMIA QUE NINGUÉM ESPERAVA

Maria Eduarda dos Santos Correia

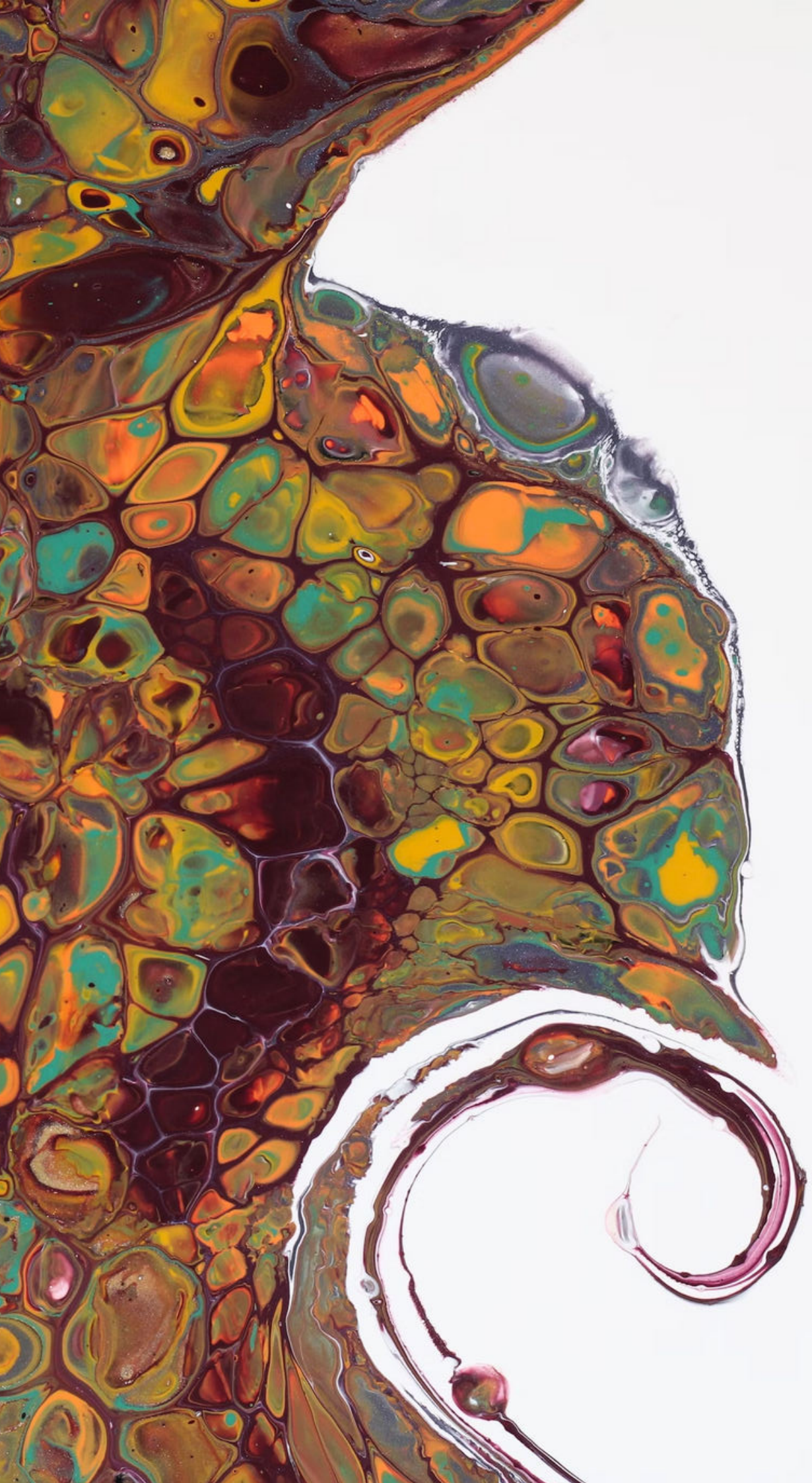
A pandemia foi algo que ninguém esperava, muito menos eu. Sem contar o tanto de gente que morreu e minha família ficava super preocupada de acontecer alguma coisa ruim comigo. Uma coisa que eu lembro muito da pandemia é da minha mãe sempre colocando máscara em mim, álcool em gel e sempre com luvas. Na maioria das vezes eu ria dela, acho que de tanto viver tudo isso peguei um pouco de trauma, e, ainda mais com aquela máscara horrível, aquilo me sufocava, era muito ruim, ainda mais usar aquilo na escola. Sempre me sentia estranha e parecia que todo mundo me olhava com aquele troço na cara! Dava até raiva. Uma coisa ruim, também, era não poder abraçar ou cumprimentar, principalmente as pessoas mais próximas ou as que amamos. A COVID-19 não acabou, o que restou foi a incerteza e, por isso, continuamos com os cuidados diários.

O DIA QUE EU QUASE MORRI

Thayla Vitória Ramos Ferazzini

Olá, meu nome é COVID-19, mas pode me chamar de corona, já estou acostumado. Então, em certo dia, eu estava pronto para atacar alguém, principalmente aquelas pessoas que não tem higiene. Achei uma pessoa com as unhas encardidas, mãos sujas, sem máscara, portanto fui atrás dela, cheguei perto dela e bem na hora ela lavou as mãos e colocou máscara. Fiquei extremamente tonto com o sabão; contudo, mesmo tonto continuei, achando mais uma pessoa. Ela estava com as mãos lavadas mas estava sem máscara, então pensei que era a minha chance ali. Quando tentei me aproximar, ela logo colocou a máscara, fiquei mais tonto ainda e desisti naquele dia, achei as pessoas muito higiênicas, não gostei! Elas deviam ser mais sujas.

**p
o
e
s
i
a
s**



TENTANDO NÃO ENCARAR A VERDADE

Iuri Dutra Rodrigues

Me lembrava de sempre checar a chegada de meu pai em meu portão
contaminado de ferrugem,
Lembrava de olhar a minha mãe trabalhando em casa enquanto eu escrevia um
texto,
Me lembrava do despertador tocar e eu não poder me arrumar para escola,
Me lembrava de acordar e pensar que tudo era um sonho.

Dormir por horas,
Sonhei com dias maravilhosos,
Mas acordei de repente
E tive que aceitar o novo mundo,
Era tudo tão diferente,
Mas o mundo antes disso não era igual,
Eu sempre olhava distante para o horizonte
E infelizmente eu conseguia enxergar um funeral.

Foi um tempo difícil,
Foi uma maré de intoxicação de petróleo,
Contaminou o mundo,
Contaminou quem eu mais amava,
Vivia escondido,
Brincando de pique-esconde no parque,
Até que um dia eu não consegui me esconder,
E tive então que correr.

O tempo foi passando,
As coisas foram mudando,
As coisas poderiam estar indo em uma direção complicada,
Só se via e ouvia notícias tristes e caóticas,
Não se respirava paz,
Não se respirava rancor,
Ninguém mal sabia o que estava respirando,
Mas sabiam que estavam vivos
E precisavam continuar assim.

Minhas viagens de carro,
Foram todas com janelas fechadas,

O ar-condicionado só me faltava me matar,
Pois eu já sentia falta de ar,
Foi um tempo difícil,
Difícil demais para esquecer,
Segui em frente nesta tormenta,
Mas não esqueci de vocês,
Vocês que me guiavam,
Mas que pereceram pelo vírus,
Na minha mente estão guardados,
Os seus últimos suspiros;
Estou feliz, mas me sinto triste com tudo isso.

NÃO HOUE TEMPO PARA DESPEDIDAS

Marcela Cristina dos Santos Hernandez

Milhões de vidas perdidas.
Famílias destruídas.
Corações partidos.
A morte como destino.

Aos poucos começamos a enfraquecer,
O pedido de socorro virou um grito,
Muitos começaram a enlouquecer.

Alguns pediam para ir junto,
Outros pediam ao menos cinco minutos.
Os caixões começaram a aumentar.
Nossas almas pediam para tudo aquilo parar!

O medo nos dominou,
Foi ai que muitos corações pararam.
Foi então que muitos desacreditaram.

O caos virou rotina, então nada nos restou.
Tudo isso devido a pandemia,
Que tirou muitas vidas
E se certificou para que não restasse nenhuma família unida.

O QUE NÃO VOLTA MAIS

Pedro Henrique dos Santos Gonçalves

Oh, dó que eu tenho
Tantos dons que perderam seus brilhos
Oh, dó que eu tenho
Todos sofreram pais e filhos
Oh, dó que eu tenho
Todo mundo sofria
Oh, dó que eu tenho
Ainda mais com aquela pandemia
Sentimentos se perderam
Era dor o dia inteiro
Pois muitas pessoas morreram
Daqueles corações bondosos e macios
Todos se corromperam
Ficaram dolorosos e vazios

PANDEMIA

Bianca Santiago Iacometti

A vida antes da pandemia
Todos viviam em harmonia
Nem sempre havia alegria
Era como uma grande sinfonia
A vida durante a pandemia
Se transformou em agonia
Pessoas morriam a cada dia
Trazendo uma triste melodia
A vida depois da pandemia
Se tornou uma memória viva
Que ainda buscam a harmonia
O que era uma grande sinfonia
Deitando-se já nesta cova
Mas que talvez volte algum dia

Obra editada pela Biblioteca Pública Municipal Poeta Paulo Bomfim em
janeiro de 2024